



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ORLEANS ALVES PARENTE

**GÊNERO E SEXUALIDADE NA FACED/UFC: DISTANCIAMENTOS E
APROXIMAÇÕES NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES**

FORTALEZA

2021

ORLEANS ALVES PARENTE

GÊNERO E SEXUALIDADE NA FACED/UFC: DISTANCIAMENTOS E
APROXIMAÇÕES NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceara
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P252g Parente, Orleans.
GÊNERO E SEXUALIDADE NA FACED/UFC : DISTANCIAMENTOS E
APROXIMAÇÕES NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES / Orleans Parente. – 2021.
87 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de
Educação, Curso de Pedagogia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida.

1. Gênero. 2. Sexualidade. 3. Curso de Pedagogia. 4. Educação. I. Título.

CDD 370

ORLEANS ALVES PARENTE

GÊNERO E SEXUALIDADE NA FACED/UFC: DISTANCIAMENTOS E
APROXIMAÇÕES NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES

Monografia apresentada ao Curso de
Graduação em Pedagogia da Universidade
Federal do Ceará, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Heulália Charalo Rafante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Luciano Henrique da Silva Amorim
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

A todas as pessoas que perguntaram “já terminou o TCC?”. Sim, terminei!

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, irmã e sobrinha que tiraram minha concentração e paciência durante a escrita da pesquisa.

Ao meu pai, que sempre perguntava “se forma quando?”

À minha querida turma de Pedagogia 2016.2 da FACED/UFC do turno vespertino-noturno por ter me acolhido tão bem quando eu tinha apenas 18 anos de idade.

Ao Centro Acadêmico Paulo Freire, o qual tive o prazer de ter feito parte da gestão, por ter me inserido no Movimento Estudantil de Pedagogia e por ter revigorado minha formação política da escola básica.

Agradeço ao Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida, por ter sido um ótimo professor nas disciplinas de Formação Intercultural, Autobiografia e Educação e Gênero, sexualidade, feminismos e interseccionalidade na educação, pelos os momentos de partilha e paciência durante a orientação da minha pesquisa e da minha bolsa de iniciação à docência, sem suas contribuições nada do que eu planejei teria se concretizado.

À Heulália Charalo Rafante e Luciano da Silva Amorim por terem aceitado participar da banca examinadora deste trabalho.

Ao Lucas, por ter me ajudado com a correção gramatical da pesquisa, pela parceria e apoio moral durante boa parte da elaboração do trabalho.

Ao Artur Filho, pela elaboração do *abstract* e pelos incríveis momentos de partilha em períodos bons e ruins que serviram de impulso para a finalização da pesquisa.

Não posso deixar de mencionar minha gratidão à Manoela, Vivienne, Vanessa, Jamile e Hana pela parceria dentro e fora da sala de aula durante minha passagem pelas disciplinas do turno da manhã.

Aos professores e professoras, técnicos e técnicas da área administrativa, profissionais terceirizados da limpeza e da vigilância da FACED/UFC. Enfim, a todo mundo que contribui e zela pelo funcionamento daquele espaço que foi minha segunda casa durante 4 anos.

Por fim, meus agradecimentos às pessoas que participaram da pesquisa, sem vocês eu nada poderia ter feito.

“O fato de estarmos aqui e que eu esteja dizendo essas palavras, já é uma tentativa de quebrar o silêncio e estender uma ponte sobre nossas diferenças, porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas o silêncio. E restam tantos silêncios para romper!” Audre Lorde.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso disserta sobre a importância das questões de gênero, sexualidade e educação na formação inicial de docentes, tendo como locus investigativo o curso de Pedagogia da FAGED/UFC. Busca analisar os distanciamentos e as aproximações entre expectativas, crenças e ideias que estudantes do primeiro semestre possuem em comparação com as constatações reveladas por estudantes do último semestre. O estudo se debruça sobre a incidência que tais questões tiveram durante o curso, com destaque para as áreas, as disciplinas, os projetos e a abordagem, identificadas pelos estudantes. Como aponta Miskolci (2017 e 2018), as questões de gênero e sexualidade no Brasil atual têm o termo “ideologia de gênero”, difundido por setores conservadores retrógrados da sociedade civil, organizações religiosas e políticas, como um causador de pânico moral, a fim de frear tais discussões. Com isso, Louro (1997 e 2013) alerta sobre a importância de se discutir gênero e sexualidade em cursos de formação docente e nas escolas, visto que ainda há altos índices de LGBTfobia no Brasil (ABGLT, 2016) e violência de gênero, principalmente contra mulheres, mostrando que a *heteronormatividade* é uma realidade na sociedade brasileira. Assim, o estudo suscita as seguintes questões: estudantes do primeiro semestre do curso possuem alguma expectativa sobre o trato destas questões no curso? Achem importante que tais questões sejam abordadas? Se sim, em quais áreas e disciplinas? E ainda: em quais áreas e disciplinas do curso de Pedagogia da FAGED/UFC estudantes do último semestre tiveram acesso a estas discussões? Acreditam que discutir esses assuntos seja importante no curso? Se sim, em quais áreas e que forma? Para responder a essas perguntas, foram aplicados questionários tanto para estudantes do primeiro semestre, como do último. Com base nos dados coletados, a pesquisa mostra que os estudantes do primeiro semestre do curso acham importante que as questões de gênero e sexualidade sejam discutidas durante o curso, estabelecendo consideráveis expectativas para que esses temas façam parte do itinerário formativo, ao passo em que os estudantes do último semestre revelaram que houve poucas e rasas discussões sobre a temática. Tal conclusão acende o alerta para que o corpo docente da FAGED/UFC atente para a importância do trabalho pedagógico relativo a esses temas.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Curso de Pedagogia. Educação.

ABSTRACT

The present final paper discusses the importance of gender, sexuality and education issues in the initial teacher training, having as an investigative locus the Pedagogy course at FACHED/UFC. It seeks to analyze the distances and approximations between expectations, beliefs and ideas that students of the first semester have in comparison with the findings revealed by students of the last semester. The study explores the incidence that such questions had during the course, with emphasis on the areas, disciplines, projects and approach, identified by the students. As Miskolci (2017 and 2018) points out, gender and sexuality issues in Brazil today have the term “gender ideology”, spread by backward conservative sectors of civil society, religious and political organizations, as a cause of moral panic, in order to stop such discussions. Thus, Louro (1997 and 2013) warns about the importance of discussing gender and sexuality in teacher training courses and in schools, as there are still high rates of LGBTphobia in Brazil (ABGLT, 2016) and gender violence, especially against women, showing that heteronormativity is a reality in Brazilian society. Hence, the study raises the following questions: do students in the first semester of the course have any expectations about dealing with these questions in the course? Do you think it is important that these issues are addressed? If so, in which areas and disciplines? And yet: in which areas and disciplines of the Pedagogy course at FACHED/UFC students from the last semester have access to these discussions? Do you believe that discussing these matters is important in the course? If so, in what areas and in what form? To answer these questions, questionnaires were applied to both first and last semester students. Based on the data collected, the research shows that students in the first semester of the course find it important that gender and sexuality issues are discussed during the course, setting considerable expectations for these topics to be part of the training itinerary, while students from the last semester revealed that there were few and shallow discussions on the theme. This conclusion ignites the warning for the faculty of FACHED/UFC to pay attention to the importance of the pedagogical work related to these themes.

Keywords: Gender. Sexuality. Pedagogy Course. Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Turno de matrícula (primeiro semestre).....	76
Gráfico 2 – Identificação de gênero (primeiro semestre).....	76
Gráfico 3 – Idades (primeiro semestre).....	77
Gráfico 4 – Turno de matrícula (último semestre).....	77
Gráfico 5 – Identificação de gênero (último semestre).....	78
Gráfico 6 – Idades (último semestre).....	78
Gráfico 7 – Expectativa em relação ao trato das questões de gênero e sexualidade na educação no ensino, pesquisa e extensão do curso.....	79
Gráfico 8 – Onde as questões de gênero e sexualidade foram abordadas.....	79
Gráfico 9 – Como as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas..	80
Gráfico 10 – Distribuição dos documentos analisados por programa de pós-graduação...	80
Gráfico 11 – Áreas do curso as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas.....	81
Gráfico 12 – Disciplinas em que as questões de gênero e sexualidade podem ser abordadas.....	82
Gráfico 13 – Possibilidade de existência de grupo de estudos/pesquisa ou atividade de extensão na FAGED/UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação.....	83
Gráfico 14 – Participação ou conhecimento de algum grupo de estudos/pesquisa ou atividade de extensão na FAGED/UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNE	Conselho Nacional de Educação
EAV	Escola de Artes Visuais
FACED	Faculdade de Educação
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transsexuais
MEC	Ministério da Educação
PNE	Plano Nacional de Educação
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático
PPP	Projeto Político Pedagógico
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ENTRE O PÂNICO MORAL DA SEXUALIDADE E O COTIDIANO ESCOLAR HETERONORMATIVO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA	15
2.1	Iniciando o debate	16
2.2	Contextualizando o pânico moral do gênero e da sexualidade na educação	18
2.3	Cotidiano escolar heteronormativo: representações de violência e controle de comportamento	23
2.4	Gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da FAGED/UFC.....	29
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	34
3.1	Tipo e natureza da pesquisa.....	35
3.2	Sujeitos e local da pesquisa.....	35
3.3	Instrumentos e técnicas de análise dos dados.....	36
4	GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL: MAPEANDO ÁREAS E DISCIPLINAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAGED/UFC	38
4.1	Entre crenças e dados concretos: analisando quantidades	38
4.2	Onde as questões de gênero e sexualidade podem, devem e são abordadas no curso de Pedagogia da FAGED/UFC?	42
5	EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO A ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FAGED/UFC	49
5.1	As disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação como uma possibilidade para abordar as questões de gênero e sexualidade na educação.....	49
5.2	Uma formação de docentes para as questões de gênero e sexualidade na educação visando combater o bullying e promover o respeito	51
5.3	Disciplinas específicas, partilha de vivências e falta de expectativas	53
6	GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FAGED/UFC: UM POTENCIAL POUCO APROVEITADO	55
6.1	Possibilidade no Departamento de Fundamentos da Educação.....	55
6.2	A questão do “Tio”	57
6.3	É para ser abordado em qualquer disciplina!.....	58
6.4	Discussões? Sim! Porém... ..	59
6.5	Relatos de discussões em disciplinas específicas.....	60
7	ALGUMAS CONCLUSÕES	63
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	71
	APÊNDICE B – LISTA DE GRÁFICOS	78

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal comparar as expectativas de estudantes do primeiro semestre dos Cursos de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC) sobre como dar-se-á o trato das questões de gênero e sexualidade durante o curso com o relato de estudantes do último semestre sobre os conhecimentos os quais tiveram acesso sobre a mesma temática durante o curso¹. A escolha de comparar informações de estudantes do primeiro semestre do curso com estudantes que já irão completar a graduação deu-se a partir do entendimento de que, mesmo sendo grupos completamente distintos, ambos fazem parte da mesma proposta curricular e consequentemente farão pelo menos as mesmas disciplinas obrigatórias.

A abordagem metodológica utilizada aqui é quantiquantitativa com intenção de obter uma visão ampla, crítica e analítica do material colhido. A pesquisa revela-se como exploratória com intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, ascendendo discussões no campo da educação e da Pedagogia e cooperando na construção de hipóteses teórico-práticas que ajudem na construção de uma formação de professores e, principalmente de pedagogos, atentos para as questões de gênero, sexualidade e educação nos seus locais de trabalho. (BARDIN, 1977)

Atualmente, a licenciatura em Pedagogia da FACED/UFC conta com dois Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), um para o curso diurno e outro para o curso vespertino-noturno, (ambos orientados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia, licenciatura e pelas Diretrizes Nacionais para os Cursos de Licenciatura²), que diz respeito a estruturação política e pedagógica do curso. Ambos os documentos se diferenciam quanto as questões de organização curricular, horário das aulas e entre docentes que ministram aulas em apenas um dos turnos. No que diz respeito a matriz curricular de disciplinas e projetos de pesquisa e extensão, ambos os cursos contam com a mesma estrutura. Apesar da análise feita aqui tratar o PPP e o Curso de Pedagogia da FACED/UFC como sendo somente um, saliento que diz respeito a ambos os cursos.

O interesse nas questões de gênero e sexualidade na educação surgiu após algumas aulas na disciplina de Formação Intercultural, quando me deparei com um texto da Guacira

1 O tema de pesquisa surgiu como uma segunda opção em decorrência da inviabilidade (devido a pandemia de Covid-19) de prosseguir com a pesquisa anteriormente esquematizada em um projeto de pesquisa e inicialmente elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida. Entretanto, a presente pesquisa se mostra igualmente pertinente a anterior e o professor orientador permanece na presente pesquisa.

² Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

Lopes Louro o qual só depois tive conhecimento que se tratava de apenas um capítulo do seu livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista* (1999), uma obra que iria mudar a minha vida pessoal e acadêmica. A imersão nesses temas fizeram remeter a minha vida escolar, onde essas questões sempre estiverem presentes; foi então que me recordei de um momento causador de inquietação, quando eu estudava no Sétimo Ano do Ensino Fundamental, precisamente no ano de 2010: havia chegado na escola, poucos meses após o início do ano letivo, uma estudante que foi imediatamente denominada como “homossexual” – agora entendo-a como uma pessoa transgênero³ – pela comunidade escolar em decorrência de sua aparência e das roupas que usava, socialmente atribuídas a pessoas do gênero feminino. Na primeira semana, quando a aluna começara a estudar na escola, uma estudante que era membro do Grêmio Estudantil passou na sala de aula em que eu estudava, assim como em todas as outras, avisando que havia chegado um aluno “homossexual” na escola e que todos deveriam tratá-lo com respeito. Aquela foi a primeira e última vez que eu vira uma pessoa transgênero dentro do ambiente escolar.

Nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental as pessoas costumavam agredir verbalmente e até excluir as crianças – principalmente as do gênero masculino – dentro da escola: qualquer indivíduo, e nisso me incluo, que fugisse do padrão socialmente aceitável e imposto, representava uma ameaça para o seguimento da norma dentro do ambiente escolar. Em minha memória, não existem lembranças de docentes ou demais pessoas da equipe pedagógica nas instituições escolares em que estudei durante o Ensino Fundamental que tratassem o assunto.

O processo de coleta de dados deu-se a partir da elaboração de 2 formulários *online* no *Google*. A escolha desse tipo de formulário surgiu como uma opção para que a coleta de dados pudesse ser feita virtualmente, devido ao distanciamento social exigido durante a pandemia da *Covid-19*. Os formulários (Apêndice A) foram elaborados com a rigorosidade necessária para que os dados pudessem ser comparados e analisados (BARDIN, 1997).

Para preservar o anonimato dos participantes da pesquisa, só serão informadas suas respectivas idades, em qual curso estão matriculados (diurno ou noturno) e o semestre que cursam no período em que os dados da pesquisa foram coletados. A coleta de dados foi fundamentada sob a reflexão teórica de Guacira Lopes Louro (2013 e 2014) e sua análise possui afinidade com a Análise de Conteúdo, apresentando total relação com os objetivos da pesquisa, que são: **analisar os distanciamentos e aproximações entre experiências de**

³ Pessoas que não se identificam com o gênero ao qual foram designadas a partir do seu sexo biológico e do órgão sexual de nascimento

estudantes do último semestre do curso de Pedagogia da FAGED/UFC sobre as questões de gênero e sexualidade na educação e as crenças, expectativas e ideias que estudantes do primeiro semestre possuem sobre a abordagem desse mesmo tema no curso (objetivo geral); conhecer as expectativas, ideias e crenças que estudantes do primeiro semestre têm sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da FAGED/UFC; e Identificar as áreas, disciplinas e projetos que estudantes do último semestre tiveram acesso que abordaram questões de gênero e sexualidade (objetivos específicos).

Para a realização desta pesquisa, fez-se necessário um estudo aprofundado de fontes como notícias de jornais, livros, artigos científicos, dissertações e teses ligados aos temas relativos a gênero e sexualidade na educação e na formação de professores e principalmente de pedagogos. As fontes bibliográficas presentes nesta monografia foram encontradas, em sua maioria, no repositório *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*. Para a pesquisa bibliográfica na respectiva plataforma, foram utilizados termos como sexualidade e pedagogia; gênero e pedagogia; gênero e sexualidade na formação de professores; gênero e sexualidade em cursos de Pedagogia.

A presente monografia está dividida em três capítulos, além da introdução e considerações finais. O primeiro capítulo, que diz respeito aos fundamentos teóricos que sustentam a pesquisa, está pautado nos estudos de gênero e sexualidade desenvolvidos por Guacira Lopes Louro e Richard Miskolci, com o intuito de discutir a importância das questões de gênero e sexualidade na formação de Pedagogos e Pedagogas. Ademais, a fundamentação teórica contará com as discussões e os resultados de estudos anteriormente realizados em âmbito nacional e internacional sobre gênero, sexualidade e educação e sua relação com a escola. O segundo capítulo detalhará a metodologia utilizada na pesquisa. E, no terceiro, e último capítulo, estão a análise dos dados colhidos sobre o trato das questões de gênero, sexualidade e educação no Curso de Pedagogia da FACEC/UFC.

Gostaria de expor o desafio político que aprendi com Carla Akotirene⁴ de rejeitar expectativas literárias elitistas, jargões acadêmicos e escrita em terceira pessoa. Acrescento aqui o esforço político em excluir do meu vocabulário teórico de escrita palavras comumente usadas como “gênero neutro” para englobar todo e quaisquer gênero, tais como “professor” e “aluno”, além de tentar democratizar conceitos essenciais para o entendimento da importância que as questões de gênero e sexualidade na educação possuem em um currículo de Formação em Pedagogia.

⁴ AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólem, 2019. 150p.

2 ENTRE O PÂNICO MORAL DA SEXUALIDADE E O COTIDIANO ESCOLAR HETERONORMATIVO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL EM PEDAGOGIA

Esse capítulo objetiva pautar os fundamentos teóricos que sustentam a presente pesquisa. As discussões trazidas aqui buscam dialogar com o objetivo geral e os específicos a serem alcançados ao final do trabalho e fazem parte de um estudo crítico aprofundado sobre a temática do gênero e sexualidade na sociedade brasileira e seus desdobramentos na educação e formação de docentes da área da Pedagogia. Para tanto, busquei trazer prioritariamente estudos pós-críticos e pós estruturalistas⁵ sobre gênero e sexualidade de autores brasileiros e de outros países.

O primeiro tópico inicia os debates presentes ao longo de toda a fundamentação teoria que sustenta a pesquisa e ficou a cargo de conceituar gênero, sexualidade e pânico moral sob a perspectiva de Grossi (1998), Scott (1998) e Cohen (1972).

O segundo tópico aborda as narrativas que sustentam o pânico moral instaurado na sociedade brasileira contemporânea sobre as questões de gênero e sexualidade na educação. Para isso, usei de notícias sobre ataques às mulheres, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e transexuais (LGBT) e outros grupos historicamente discriminados, sobre as polêmicas do então Presidente Jair Messias Bolsonaro durante a campanha presidencial de 2018 e de setores neoconservadores retrógrados do nosso país. Por fim, busquei analisar o impacto que esse pânico moral teve em textos de documentos como o Plano Nacional de Educação (PNE) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O terceiro tópico busca discutir as representações *heteronormativas* (conceito que será explicado nesse mesmo tópico) no cotidiano escolar e no currículo, articulando-as com a opressão que pessoas LGBT sofrem diariamente nessas instituições. Os aportes teóricos para tais discussões são os trazidos por Britzman (1996), Louro (2014), Miskolci (2009) e uma pesquisa a nível nacional sobre o índice de violência contra estudantes LGBT nas escolas brasileiras.

O quarto e último tópico fica a cargo de dissertar sobre as questões de gênero e sexualidade na formação de profissionais docentes da Pedagogia. Para tal, fez-se necessário um breve estudo sobre a história do Curso de Licenciatura em Pedagogia, analisar as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de

⁵ São estudos que compartilham das críticas aos sistemas explicativos globais da sociedade; apontam limitações ou incompletudes nas formas de organização e de compreensão do social abraçadas pelas esquerdas; problematizam os modos convencionais de produção e divulgação do que é admitido como ciência; questionam a concepção de um poder central e unificado regendo o todo social. (LOURO, 2004, p. 33)

licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada e as Diretrizes Curriculares Nacionais Para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, e o próprio Projeto Pedagógico dos Cursos de Pedagogia da FAGED/UFC, bem como os grupos de estudo/pesquisa e projetos de extensão vinculados a instituição.

2.1 Iniciando o debate sobre gênero e sexualidade

Os estudos e questionamentos sobre o gênero presentes hoje no discurso político, nas Universidades e na sociedade ocidental como um todo ganharam força com as lutas de movimentos sociais a partir dos anos 60: as revoltas estudantis em maio de 1968 na França, o movimento dos *black panthers* nos Estados Unidos e no Brasil, a luta contra a Ditadura Militar, iniciada em 1964, momento cujas mulheres que participavam dos movimentos de resistência perceberam que, apesar de lutarem simultaneamente com homens daquela época, esporadicamente participavam de lideranças políticas e tinham representatividade mínima nestes movimentos. (GROSSI, 1998).

No mesmo período histórico, o movimento gay e o movimento feminista despontam ao questionar as relações afetivo-sexuais nos âmbitos público e privado. Logo, iniciavam-se os questionamentos acerca da virgindade feminina enquanto valor, sobre o ato sexual servir não apenas como forma de reprodução humana, mas também como fonte de prazer feminino e iniciou-se o processo de comercialização da pílula anticoncepcional. Ou seja, os questionamentos sobre o gênero chegaram até a sexualidade e ao ato sexual em si, fomentando ainda mais a discussão acerca dos papéis sociais até então cumpridos por mulheres e homens na sociedade (GROSSI, 1998, p. 9-10).

Assim, tais discussões evidenciavam o “tornar-se mulher” que Simone de Beauvoir elencou pela primeira vez em 1949⁶, no momento em que os estudos feministas tinham pouca influência no mundo intelectual e que, mesmo assim, teve como efeito ataques sofridos pela autora por parte de um dos mais importantes nomes da direita católica do século XX, o escritor francês François Mauriac (CANDIANI, 2019, p. 7). O sentido da afirmação de Beauvoir é apontar que a mulher não possui um destino biológico e que o papel exercido pela mesma na sociedade é moldado por uma cultura patriarcal que a põe como submissa e inferior ao homem; sendo assim, o segundo sexo.

O lugar social ocupado por estas mulheres ainda está fortemente marcado por

⁶ BEAUVOIR, Simone. *Le deuxième sexe*. Paris, Gallimard, 1949.

trabalhos domésticos, cuidados com o corpo, assistência e serviços prestados a indivíduos marcados pelo sexo masculino, muitas vezes remunerados com salários não compatíveis com os de homens, mesmo ocupando os mesmos cargos. No ocidente, as religiões de cunho cristão aparecem como um dos grandes instrumentos de cooperação e perpetuação do estigma da “mulher invisível” por meio de discursos conservadores.

Ao falar sobre gênero e sexualidade, é necessário ter em mente que se tratam de conceitos relativamente novos que foram modificados, reinventados e aperfeiçoados – e ainda o estão sendo – com o passar dos anos, à medida que surgem novas pesquisas sobre os temas. O conceito de sexualidade e de gênero que aqui serão enfatizados são pautados na história do movimento feminista contemporâneo e no papel social da mulher ao longo da história da humanidade e no movimento homossexual⁷.

A princípio, é necessário um cuidado para não cair na armadilha de separar o gênero do sexo como sendo um o oposto do outro pois, no meio dessa separação, o sexo – dito como natural – acaba se sobressaindo e se opondo ao gênero – sendo esse algo cultural (BUTLER, 2001, p. 40). Assim, a presente pesquisa está respaldada em um conceito de gênero que se refere

ao **discurso** sobre a diferença dos sexos. Ele não remete apenas a ideias, mas também a instituições, a estruturas, a práticas cotidianas e a rituais, ou seja, a tudo aquilo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de organização do mundo, mesmo se ele não é anterior à organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primária, mas ele constrói o sentido desta realidade. A diferença sexual não é a causa originária a partir da qual a organização social poderia ter derivado; ela é mais uma estrutura social movediça que deve ser ela mesma analisada em seus diferentes contextos históricos (SCOTT, 1998, p. 15 – Grifos meus)

Já sobre sexualidade, faz-se necessário lembrar que Foucault (1980) a trata como um dispositivo histórico cunhado pela burguesia em meados do século XVII para afirmar sua supremacia pois “a valorização de seus prazeres e a proteção de seu corpo contra perigos e contatos, além de garantirem seu vigor, descendência e longevidade, serviam como emblema de respeito e poder social” (CIRINO, 2007, p. 81). Garantindo assim, além de uma dominação econômica, uma dominação física, pois a sexualidade hétero era garantia de um organismo são e saudável. Logo, superior.

No Brasil, as discussões acerca da temática de gênero e sexualidade na educação trazidos por Britzman (1996) e Dinis (2011) mostram o quanto os debates nessa área são recentes e ainda carecem de maior visibilidade por parte de ampla maioria da população. No

⁷ Para aprofundamento na história do movimento homossexual brasileiro, ver Fachini (2003).

campo acadêmico, mais especificamente na área da educação e da pedagogia, tais pesquisas vêm ganhando espaço desde o final dos anos 1990, tendo como um de seus principais marcos os estudos feitos por Guacira Lopes Louro no livro “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, publicado originalmente em 1997.

Não por acaso, ainda são muitos os desconhecimentos sobre essa pauta no nosso país e a sociedade parece temer tais discussões pois como bem aponta Britzman (1996), existe o medo de que a simples menção a tais assuntos pode “recrutar” jovens inocentes e os transformar em homossexuais e, em suma, a pauta sobre gênero e sexualidade ainda é considerada predatória, perigosa e contagiosa, assim como as pessoas que promovem estas discussões. Esse fenômeno de medo quando difundido na sociedade gera algumas consequências fazendo com que Cohen (1972, p. 9) o descreva da seguinte forma

uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas emerge para ser definido como uma ameaça aos valores e interesses sociais; sua natureza é apresentada de maneira estilizada e estereotipada pelos meios de comunicação de massa; as barricadas morais são conduzidas por editores, bispos, políticos e outras pessoas com pensamento de direita; especialistas credenciados socialmente pronunciam seus diagnósticos e soluções; formas de enfrentamento são desenvolvidas ou (mais frequentemente) reordenadas; a condição então desaparece, submerge ou se deteriora e se torna mais visível (Tradução minha)

A citação acima ensaia o caminho percorrido para a criação de um pânico moral; um sentimento de medo exagerado espalhado por um grande número de pessoas ou um grupo específico de que algo ou alguém representa uma ameaça aos valores, bons costumes e bem-estar da sociedade. Esse pânico é construído por meio de fases e, por se tratar de uma pauta moral, é comum que líderes políticos e/ou religiosos venham a público manifestar suas preocupações, diagnósticos e soluções. Essa manifestação causa uma sensibilização social que acarreta uma forte reação coletiva na sociedade (MACHADO, 2004), (SACRAMENTO; SANTOS, 2020) e serão abordadas no tópico seguinte.

2.2 Contextualizando o pânico moral do gênero e da sexualidade na educação

O tema sexualidade, pauta moral da sociedade brasileira, é usado de várias formas por uma parcela da sociedade para frear os desdobramentos de suas discussões dentro da sala de aula e na comunidade escolar como um todo (MISKOLCI, 2018). O pânico moral que rodeia a pauta da sexualidade e as discussões sobre identidades de gênero ganhou força nos últimos anos e está muito bem representado pelo atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro (QUINALHA, 2019). O discurso que criminaliza assuntos pertinentes a educação, além de violentos e criminosos, revela o descontentamento por parte de setores conservadores

retrógrados com o avanço dos movimentos de grupos ditos como “minoritários” com a redemocratização do país e, mais especificamente, com a construção e implementação de políticas identitárias que ganharam força nos anos 2000 durante os governos Lula. (VIANNA, 2015; CÉSAR; DUARTE; SIERRA, 2013)

Para contextualizar, julgo necessário recordar de um projeto educativo emblemático, que se tornou um dos precursores para o debate acerca do que conhecemos hoje como “ideologia de gênero” e que se configurou em um símbolo usado por setores conservadores do nosso país para instaurar pânico na sociedade sobre as questões de gênero e sexualidade nas escolas, o famigerado *Kit Gay*. O projeto em questão fazia parte do Programa Brasil Sem Homofobia⁸ e, entre outras coisas, visava “contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro” (CADERNO ESCOLA SEM HOMOFOBIA, 2011, p. 9) e acompanhava uma pesquisa qualitativa sobre a percepção de homofobia em escolas de 11 cidades brasileiras.

Mesmo o projeto tendo sido vetado no ano de 2011 pela então presidenta Dilma Rousseff por pressão de grupos conservadores e seu material nunca ter sido distribuído oficialmente pelo Ministério da Educação (MEC), o atual presidente da república Jair Bolsonaro, durante sua campanha eleitoral de 2018, proferiu mentiras sobre o projeto em uma entrevista ao Jornal Nacional, programa de notícias da Rede Globo de Televisão, como revela uma notícia da edição brasileira do Jornal EL PAÍS; na entrevista, o presidente mostrou rapidamente o livro “Aparelho Sexual e Cia⁹”, (que traz em sua capa uma ilustração que representa um adolescente olhando assustado para dentro das suas próprias calças) e mentiu ao afirmar que o exemplar teria sido comprado pelo MEC e distribuído em escolas públicas de todo o país (COLETTA, 2018).

No ano de 2017 houve dois acontecimentos importantes para a disseminação do terror moral sobre as questões de gênero e sexualidade no Brasil; o primeiro deles ocorreu em meados do mês de outubro, quando a exposição *Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, foi cancelada em Porto Alegre após uma série de protestos por parte de grupos religiosos e organizações nas redes sociais como o grupo Movimento Brasil Livre (MBL), como mostra a matéria do Jornal EL PAÍS (2017). Essas organizações utilizavam de imagens

⁸ Conselho Nacional de Combate à Discriminação. Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília, DF, 2004.

⁹ Livro do autor suíço Philippe Chappuis (conhecido como Zep) e da francesa Hélène Bruller lançado no Brasil em 2007 pela editora Companhia das Letras que aborda os aspectos da sexualidade na adolescência e que pode ser encontrado no próprio site da editora. (COLETTA, 2018)

retiradas de seu contexto artístico da exposição e disseminavam informações em fóruns e grupos nas redes sociais para gerar pânico na sociedade brasileira alegando que as obras expostas tratavam de zoofilia, pedofilia e que feriam símbolos religiosos, com o intuito de engajar pessoas a saírem de suas casas para protestar na frente do Santander Cultural, onde a exposição estava em cartaz. O próprio curador da exposição nos diz que

O processo de censura e fechamento da *Queermuseu* envolve uma complexa articulação de criação de uma narrativa falsa e difamatória que se mostrou concatenada e com capacidade de rápido ajuste e adaptação pelos diversos segmentos envolvidos, a iniciar pelo Movimento Brasil Livre (MBL), ao qual se juntaram os fundamentalistas e outros setores da direita e ultradireita brasileira. Por meio desse concatenado plano de ataque, foram escolhidas obras específicas que, tratadas como puras imagens, foram editadas, descontextualizadas e disseminadas pelas redes sociais. (FIDELIS, 2018, p. 419)

O Santander Brasil divulgou uma nota em sua página do *Facebook* dizendo que ouviu as manifestações e entendeu que “algumas das obras da exposição *Queermuseu* desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo.” (2017), anunciando o cancelamento da exposição em seu centro cultural. Após o cancelamento, o Nuances - Grupo Pela Livre Expressão Sexual organizou um ato em protesto em frente ao Santander Cultural contra o fim da exposição.

No ano seguinte a história se repetiu, dessa vez na cidade do Rio de Janeiro. Após a exposição chegar no Museu de Arte do Rio (MAR), o então prefeito da cidade Marcelo Crivella gravou um vídeo afirmando que a exposição de “pedofilia e zoofilia” não iria adiante (BBC News Brasil, 2018). Entretanto, após uma campanha de financiamento coletivo que arrecadou mais de R\$ 1 milhão de reais, a exposição chega à Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, no Rio de Janeiro, onde finalmente foi exposta ao público.

O segundo acontecimento que julgo importante na propagação do terror sexual e de gênero naquele contexto no Brasil, refere-se a visita da filósofa norte-americana Judith Butler ao país para participar de uma palestra no SESC Pompeia na cidade de São Paulo e para uma palestra de lançamento do seu livro, na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Manifestantes ultraconservadores ocuparam a entrada do SESC Pompeia junto de cartazes com frases como “menos ONU mais família”, “não a ideologia de gênero” e “queimem a bruxa”, pedindo que o SESC cancelasse a palestra e que a filósofa fosse embora do país (Jornal EL PAÍS, 2017). Sobre a ocasião, Judith Butler disse

Desde o começo, a oposição à minha presença no Brasil esteve envolta em uma fantasia. Um abaixo-assinado pedia ao Sesc Pompeia que cancelasse uma palestra que eu nunca iria ministrar. A palestra imaginária, ao que parece, seria sobre "gênero", embora o seminário planejado fosse dedicado ao tema "Os fins da democracia" ("The ends of democracy"). Ou seja, havia desde o início uma palestra imaginada ao invés de um seminário real, e a

ideia de que eu faria uma apresentação, embora eu estivesse na realidade organizando um evento internacional sobre populismo, autoritarismo e a atual preocupação de que a democracia esteja sob ataque. Não sei ao certo que poder foi conferido à palestra sobre gênero que se imaginou que eu daria. Deve ter sido uma palestra muito poderosa, já que, aparentemente, ela ameaçou a família, a moral e até mesmo a nação. (Jornal Folha de S.Paulo, 2017).

Após esse ocorrido, a filósofa foi agredida no Aeroporto de Congonhas à espera de embarcar para a cidade do Rio de Janeiro por uma mulher segurando um cartaz de imagem destorcida enquanto gritava xingamentos e frases relacionando Judith Butler a pedofilia, como mostra um vídeo¹⁰ publicado pela Revista Carta Capital em sua conta no *Youtube*, posteriormente veiculado por outros canais de notícias.

Os ataques que sustentam o pânico moral atual sobre as questões de gênero e sexualidade por parte de setores conservadores vinculados a crenças e religiões cristãs fundamentalistas da sociedade possuem impacto direto na educação brasileira: três anos após o PNE ser aprovado sem o trecho que falava sobre questões de gênero e tendo frases como “superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção de igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” substituídas por “erradicação de todas as formas de discriminação” (SEMIS, 2017), o Conselho Nacional de Educação (CNE) acatou as alterações propostas do MEC para retirar os termos “identidade de gênero” e “orientação sexual” da versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), como mostra a reportagem do Jornal O Globo (2017).

Nesse sentido, indivíduos LGBT são alguns dos mais afetados com essa narrativa equivocada e que fomenta um pânico moral. Em julho de 2019, o Governo Federal, por intermédio do MEC, suspendeu um vestibular voltado exclusivamente para pessoas transgêneros e travestis que ofertava 120 vagas distribuídas em 15 cursos de uma Universidade Federal em dois estados do Brasil. (FERREIRA. O GLOBO, 2019). A suspensão do vestibular foi anunciada pelo então presidente Jair Messias Bolsonaro após ele declarar publicamente em uma rede social que determinou ao MEC que criasse um projeto de lei que proíba a “ideologia de gênero¹¹” no ensino fundamental visando o “princípio da proteção integral da criança.”. (O GLOBO, 2019).

Analisando o conteúdo da mensagem escrita pelo então presidente, levando em

¹⁰ CARTA CAPITAL. **Judith Butler sofre agressão no Aeroporto de Congonhas**. 02m15s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=urNAs80yUDU>. Acesso em: 03 set. 2020.

¹¹ Trata-se de uma falácia vinda de setores conservadores que acreditam que as escolas estão doutrinando crianças para subverterem o seu sexo biológico.

consideração o fato da mesma ter sido publicada em uma de suas redes sociais, como também outros inúmeros ataques afeitos a população LGBT durante sua vida política, campanha presidencial e início de mandato, não restam dúvidas que tais medidas possuem um viés conservador antiquado e demonstram que as representações oficiais do Estado brasileiro estão agindo em prol da retirada de direitos de pessoas LGBT bem como com o silenciamento de debates acerca da temática das identidades de gênero e diversidade sexual e afetiva dentro da escola, pois é fato que

A homofobia se tornou, no mundo contemporâneo, um dos últimos preconceitos ainda tolerados. Qualquer brasileiro (a) pode se lembrar facilmente de vários nomes da política nacional ou dos movimentos de defesa dos Direitos Humanos que defendem publicamente o direito das minorias étnico-raciais, das mulheres, das (dos) presidiárias (os), dos (as) sem-terra, das pessoas com necessidades educativas especiais, mas que se escondem quando o assunto em pauta é o combate à violência ou a luta pelos direitos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Na atualidade poucas pessoas ousariam expressar publicamente formas de sexismo contra as mulheres, ou formas de racismo que incentivem explicitamente o preconceito contra a população negra, contra a população judaica, contra a população indígena, ou outras minorias étnico-raciais. No entanto, dizer publicamente não se simpatizar ou mesmo odiar pessoas homossexuais ainda é algo não só tolerado, como constitui também em uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina. (DINIS, 2011, p. 41)

Percebe-se que os ataques às pautas de gênero e sexualidade no Brasil são amparados por um viés religioso cristão: católicos e evangélicos ultraconservadores e que se dizem defensores da moral e dos bons costumes. Na mira desses ataques estão os Outros¹²: mulheres, LGBT e outros grupos historicamente discriminados que lutam diariamente por suas vidas e pelo direito de exercê-la sem medo de serem violentados por parte da sociedade civil e, em alguns casos, do próprio Estado. As opressões agora possuem grandes nomes da religião e da política publicamente adeptos a tais práticas e conta com uma base formada por pessoas organizadas em fóruns e comunidades na *internet* inclinados a ideias fascistas.

Nesse sentido, uma formação docente preocupada com as questões de gênero e sexualidade torna-se indispensável pois os muros da escola não resistem para que o preconceito que existe fora dela não adentre em seus espaços nem tampouco para que a violência existente na sociedade como um todo se alastre em suas salas de aula, banheiros e corredores. A formação de pessoas para o magistério ainda insiste em ignorar o problema que está a sua frente e presente nos discursos das pessoas a quem fazem parte, fato esse que se

¹² Uso a categoria Outros intercambiando o pensamento de Sueli Carneiro e Grada Kilomba. Os Outros, neste caso, são aqueles vistos pela identidade do Ser universal, autoinvisibilizante, branca, cis, heteropatriarcal como os diferentes dos humanos normativos. (AKOTIRENE, 2019, p. 69)

evidência na fala dos sujeitos dessa pesquisa. A falta de representatividade na política e nos meios de comunicação como a televisão, jornais e revistas refletem no silêncio quando a LGBTfobia é pautada – ou quando na maioria dos casos, ela não é pautada.

2.3 Cotidiano escolar *heteronormativo*: representações de violência e controle de comportamento

As discussões acerca da temática de gênero e sexualidade na educação trazidos por Britzman (1996) e Dinis (2011) no Brasil, mostram o quanto os debates nessa área são recentes e ainda carecem de maior visibilidade por parte de ampla maioria da população. No campo acadêmico, mais especificamente na área da educação brasileira, essas pesquisas vêm ganhando espaço desde o final dos anos 1990, tendo como um de seus principais marcos os estudos feitos por Guacira Lopes Louro no livro “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista”, publicado originalmente em 1997.

A instituição escolar desempenha um papel importante na vida de sujeitos sociais inseridos nela: sejam estudantes profissionais docentes, famílias, núcleo gestor e demais pessoas que trabalham nessa instituição. É no ambiente escolar que crianças, jovens e adultos passam várias horas do dia e alguns anos da vida e nele convivem com pessoas de diferentes idades, personalidades e em alguns casos, com uma cultura diferente da maioria das pessoas que o frequentam. O pânico moral sobre as questões de gênero e sexualidade na sociedade brasileira atinge direta e indiretamente a dinâmica das instituições escolares e é sobre como a escola é afetada com esses discursos que iniciaremos as discussões desse tópico.

Preocupado com essas questões, identifiquei e analisei a proposta curricular da versão final da Base Nacional Comum Curricular sobre as temáticas de gênero, sexualidade e educação e o combate a LGBTfobia nas escolas e sua influência na prática docente. Na análise, pude perceber que a BNCC nos traz alguns pontos importantes que refletem a temática de gênero e sexualidade dentro do documento: o primeiro está no fato de que a palavra “diversidade” é citada 188 vezes ao longo do documento, mas sempre está atrelada a cultura, a linguística, biodiversidade ou a diversidade de saberes; um exemplo disso está na oitava competência geral para a educação básica que pude observar o termo “*diversidade humana*”, em que o mesmo está aplicado em um contexto de promoção de saúde mental e do desenvolvimento do autoconhecimento. (MEC, 2017, p. 10)

O segundo ponto aparece em uma das habilidades a serem desenvolvidas durante o ensino de História do 9º ano do Ensino Fundamental, que fala em “discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres,

homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.” (MEC, 2017, p. 433). Apesar da louvável menção aos homossexuais dentro de um documento responsável por nortear os currículos das escolas do Brasil, como sujeitos marginalizados, podemos perceber que o texto não faz um recorte de gênero essencial deixando de mencionar pessoas lésbicas, travestis e transexuais, como também não menciona as pessoas bissexuais como possíveis alvos de violência. Essa confusão conceitual, aparentemente inofensiva, silencia e invisibiliza lutas importantes dentro da comunidade de sexo diversa.

Ainda sobre a BNCC, outro fator que merece destaque é que, em todas as vezes que o assunto “sexualidade” surge no documento, o termo está atrelado às questões de reprodução no campo das Ciências Biológicas. Aqui, a ausência de abordagem da sexualidade como um produto histórico e cultural da humanidade legitima um padrão hegemônico na escola e na sociedade: *a heteronormatividade*. Além disso, ressaltamos a inexistência do termo “LGBTfobia” dentro das seiscentas páginas da BNCC.

Em suma, há uma despreocupação por parte do documento com a promoção do respeito às identidades sexuais e de gêneros na escola ao formular uma diretriz nacional para a educação básica (que influencia diretamente na formação de professores) que não trata as questões de preconceito, marginalização e descriminalização com as pessoas LGBT na escola. Ademais, a proposta atual da BNCC nega e ignora a LGBTfobia nas escolas – provavelmente nega porque ignora –, insiste em atrelar às questões acerca da sexualidade e da identidade de gênero ao campo da reprodução humana nas Ciências Biológicas e não cumpre com o prometido de auxiliar na “construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (p. 7) ao não abordar a LGBTfobia nas escolas como um problema e não se aprofundar sobre as questões de gênero e sexualidade.

A fim de ratificar os dados referente à LGBTfobia presente nas escolas brasileiras, a Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) realizou em 2016 uma pesquisa a nível nacional com 1.106 estudantes entre 13 e 21 anos de idade que se autointitulam como pessoas LGBT. A pesquisa objetivou ouvir o que estudantes tinham a dizer sobre o preconceito sofrido dentro de suas respectivas instituições escolares.

Os resultados da pesquisa mostram que 73% dos alunos entrevistados já foram agredidos verbalmente na escola, 36% foram agredidos fisicamente, 56% dos estudantes foram assediados sexualmente na escola e 58,9% dos entrevistados que sofreram agressão verbal por conta da sua orientação sexual faltaram aula nos últimos trinta dias antes da

realização da pesquisa. Outro dado da mesma pesquisa demonstra que 36% dos estudantes relataram ser ineficaz a resposta dada pelos professores para impedir as agressões e 39% declararam que, após sofrerem as agressões, nenhum membro da família foi contactado pelos professores ou núcleo gestor da escola (ABGLT, 2016). Esses dados revelam que a violência contra a população LGBT adentra os muros da escola e nela está presente, bem como um despreparo por parte dos profissionais da educação básica em tratar as questões de reconhecimento e do respeito as pessoas LGBT no ambiente escolar.

A violência física, verbal e psicológica que participantes da pesquisa acima relatada sofrem está associada a uma suposta normal social que naturaliza as identidades hétero e masculina (e quase sempre tendo como referência a branquitude¹³) denominada de *heteronormatividade*; ela dita as regras do jogo do que é ser e se comportar como homem ou mulher na nossa sociedade. O termo *heteronormatividade* foi criado por Michael Warner em 1991¹⁴ para descrever a ordem social que impõe aos sujeitos modos de ser e de viver como homens e como mulheres. Segundo Miskolci (2009), a *heteronormatividade*

é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade. (2009, p. 156-157)

Miskolci (2009) também ressalta que a *heteronormatividade* “expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade” (p. 156). Ou seja, essa dinâmica tem como um dos seus pilares o dualismo hétero/homo, de forma que a heterossexualidade é priorizada, primária e natural enquanto a homossexualidade é vista como um desvio de conduta. Ao passo que esse padrão heterossexista não se constrói somente priorizando a heterossexualidade, ele é acompanhado por uma “rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos.” (JUNQUEIRA, 2010, p. 214).

A escola dificilmente aborda questões de gênero e sexualidade em seu currículo e, quando o professor o permite, o assunto é tratado transversalmente em sala de aula e comumente no campo das ciências biológicas, muitas vezes sem historicidade e com um viés

¹³CARDOSO, Lourenço C; et al. (Org.). Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris Editora, 2018. v. 1. 334p.

¹⁴WARNER, Michael. (editor) Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 1993.

preventivo da sexualidade dita como precoce. A temática da diversidade sexual e da identidade de gênero está presente nos discursos dos alunos, nas relações interpessoais e nos conflitos que emergem no ambiente escolar e, mesmo a escola ignorando todos os conflitos e discussões que ocorrem por parte dos alunos, as questões sempre surgirão, pois é fato que

As questões referentes a sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula – assumidamente ou não – nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes. (LOURO, 2014, p. 135).

De acordo com Britzman (1996), há também uma resistência por parte dos professores e de toda a comunidade escolar em falar sobre a temática da diversidade sexual e identidade de gênero e o combate a LGBTfobia mesmo em assuntos transversais, pois

[...] existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes. (...) Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei. Em ambos os casos, o conhecimento e as pessoas são considerados perigosos, predatórios e contagiosos (BRITZMAN, 1996, p. 79-80).

Esse silenciamento ocorre mesmo onde há casos de violência física contra pessoas LGBT dentro do ambiente escolar: a atenção não é voltada à problemática das agressões verbais e físicas como uma manifestação da LGBTfobia e a escola cumpre apenas o papel de punir as pessoas através de suspensões e expulsões que pouco ou nada influenciam no combate ao preconceito e ao respeito às identidades afetivas, sexuais e de gênero nas escolas. Em suma, os termos LGBTfobia, diversidade sexual e afetiva e identidade de gênero não são incorporados por grande parte da comunidade escolar. O silenciamento por parte da comunidade escolar sobre as questões de gênero e sexualidade ocasionam uma sexualidade vivenciada clandestinamente por parte de estudantes pois, ao não se sentirem à vontade e com medo de não serem ouvidos, essas pessoas acabam internalizando o assunto e deixando de debater sobre ele.

Objetivando discorrer sobre as representações *heteronormativas* nos materiais didáticos aprovados e distribuídos pelo MEC nas escolas do Brasil, Oliveira e Diniz (2014) discutem sobre como as imagens presentes nos livros didáticos do Programa Nacional do

Livro Didático (PNLD) e o conteúdo audiovisual da grade de Orientação Sexual da TV Escola constituem um marco epistêmico¹⁵. Entre outros apontamentos, as autoras concluíram que

De forma geral, portanto, as paisagens hegemônicas dos livros didáticos e da TV Escola ensinam aos sujeitos uma política dos corpos fundada na heterossexualidade e no diferencialismo de gênero – especialmente na ideia de diferença sexual e nas pedagogias de gênero que conferem diferentes espaços e possibilidades a homens e mulheres, como a moralização da feminilidade nos audiovisuais. A heterossexualidade e o diferencialismo de gênero são referências que constroem corpos e subjetividades pretensamente universais e neutros. A inserção eventual de identidades subalternizadas ocorre de forma periférica de acordo com as duas pesquisas, respondendo possivelmente às reivindicações das políticas de identidade. (OLIVEIRA; DINIZ, 2011, p. 243).

Outras indicações são explicitadas na mesma pesquisa: as autoras atentam-se ao fato que as questões referentes à sexualidade feminina são marcadas por um discurso sobre gravidez na adolescência (p. 245), sendo esse tratado de forma moral e sem afetar os homens, que estão do lado oposto, porém não menos importante e essencial do processo de gravidez.

Ademais, as autoras fazem um adendo importante que diz respeito ao privilégio masculino presente até mesmo nas relações de homossexuais entre homens, mostrando que a *heteronorma* sempre terá homens no topo da pirâmide de privilégios sociais, mesmo que esses fujam de norma sexual vigente; sobre isso, a pesquisa revela que há, nos livros e filmes analisados, a sugestão apenas da existência da homossexualidade masculina enquanto “outras possibilidades como as lesbianidades, bissexualidades, transexualidades ou intersexualidades, não são sequer mencionadas no material analisado”. (p. 244)

Se, nas séries mais avançadas, com adolescentes de 14, 15 e 16 anos, as questões de gênero e sexualidade são difíceis de serem trabalhadas pelo pânico moral construído em cima destes temas e pela falta de preparo de profissionais em tratar o assunto com o devido rigor, é na Educação Infantil, umas das principais áreas de atuação de pedagogos e pedagogas, que a *heteronormatividade* tem o seu primeiro ato de legitimidade no contexto da Educação Básica; a primeira referência para tanto diz respeito a presença massiva de professoras mulheres nesse segmento. Uma pesquisa do Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2019¹⁶ mostrou que mulheres representam 96,6% da docência na Educação Infantil. O dado simboliza a

¹⁵ De forma geral, episteme é um sistema de saber-poder em que certas representações são autorizadas, e outras invisibilizadas, proibidas e invalidadas. Ou seja, trata-se de um modo de conhecer que estabelece quem pode conhecer e os domínios da vida que são tornados objeto de conhecimento. (OLIVEIRA; DINIZ, 2014)

¹⁶ TODOS PELA EDUCAÇÃO. Anuário Brasileiro da Educação Básica. 2019. Disponível em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/uploads/posts/302.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2020.

construção histórica da imagem feminina como um ser humano maternal e conseqüentemente apto a lidar com crianças e as educar.

Além disso, outro aspecto importante onde a *heteronormatividade* se mostra enraizada na Educação Infantil é na rotina de contação de histórias, ferramenta didático pedagógica frequentemente utilizada por profissionais da área para potencializar a linguagem da criança e estimular a imaginação, contribuindo para o seu processo de leitura e escrita (SOUZA; BERNADINO, 2011). Sobre isso, Carvalhar (2009) desenvolveu uma pesquisa com o objetivo de compreender, entre outras coisas, como a sexualidade infantil é vigiada e regulada em uma escola de uma cidade brasileira. Então, há aqui um exemplo de situação que a autora se deparou durante sua investigação, onde uma professora estava a contar uma história para seus alunos:

“Essa história é muito legal, de duas irmãs. Uma era muito educada, falava coisas boas, era bonita, obediente. A outra era igual o Márcio (risos), era desobediente, falava palavrão, era sem educação”. Depois da explicação inicial, a professora começou a ler a história. Nela, uma fada visita as duas garotas e coloca uma magia na boca das duas. Diz que dará os presentes que elas merecerem. Para a irmã educada flores são dadas todas as vezes que ela abre a boca para dizer coisas bonitas. No caso da irmã desobediente, feia, que fala palavrão, lagartos e insetos começam a sair de sua boca toda vez que ela a abria. No fim, a irmã bonita e educada acha um príncipe, casa e vive muito feliz. A irmã feia e malcriada fica totalmente sozinha na vida, largada até por sua mãe e continua a soltar lagartos e insetos toda vez que fala alguma coisa. Assim que termina a história Nonô pergunta com espanto: “ela não casou professora?” Referindo-se à irmã mal educada. “Não, ninguém queria ficar perto dela”, ela responde. E continua perguntando para todos/as: gostaram da história, pessoal? “Sim!” (todos/as respondem em coro). Ela continua: “Vamos pensar o que aprendemos com essa história? Viram o que acontece quando é desobediente? Viu, Lorena? A mamãe briga com quem é educado? “Não!” (novamente em coro as crianças respondem). “A professora briga com quem tá quietinho, gente?”. “Não!”. “Quem é mal educado fica sozinho, gente. Agora vocês vão me mostrar que aprenderam e vão entrar na sala devagar, abaixar a cabeça para esperar o jantar”. (Notas do diário de campo em 27/08/2008, sala de 5/6 anos) (p. 46)

Na história em questão, as duas irmãs possuem personalidades diferentes, uma parece ser a “boazinha” e a outra má, sendo essa última tendo atitudes que a professora comparou (arrisco dizer que não por acaso) a um aluno do sexo masculino. Para muitos, a situação descrita acima pode não passar de uma simples contação de histórias, comumente realizadas em creches e pré-escolas; e isto é fato. Entretanto, são em atividades rotineiras de tais instituições que está presente a normatização dos corpos que denuncia o caráter *heteronormativo* enraizado nas práticas docente. Sobre isso, Louro (2014) nos diz que

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de

mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (p. 45)

As figuras das duas irmãs parecem legitimar uma norma social onde mulheres são supostamente beneficiadas pelos seus bons comportamentos com um “príncipe encantado”, tendo esse a escolhido pelo seu jeito dócil e educado. Enquanto a irmã “má” vive o resto da sua vida sem ser agraciada por um homem que a deseje. Nesse exemplo, o ato de contar histórias não só estimula o imaginário da criança como também o constrói; a literatura infantil utilizada pela professora como ferramenta pedagógica desenha e legitima o modelo binário-comportamental de vida que essas crianças devem seguir e, caso subvertam a ordem natural do que é ser homem e mulher, não receberão as devidas recompensas.

As observações feitas acima sobre uma parte da rotina da Educação Infantil sinalizam a importância de uma formação de Pedagogos e Pedagogas para as questões de gênero e sexualidade; nesse sentido, “não seria suficiente denunciar a negação e o submetimento dos/as homossexuais, e sim desconstruir o processo pelo qual alguns sujeitos se tornam normalizados e outros marginalizados” (LOURO, 2001, p. 551). As contribuições dos estudos de gênero e sexualidade para a educação ajudam a compreender como a *heteronormatividade* está enraizada nas práticas docente hoje e o quanto ela esteve presente em nossas experiências escolares.

É necessário que os currículos dos cursos de formação de professores contemplem as questões de gênero e sexualidade e suas implicações na educação para desmitificar as falácias que o pânico moral da sexualidade dissemina atualmente na sociedade brasileira. Assim, o tópico seguinte se preocupa em analisar o currículo do curso de pedagogia da FAGED/UFC a fim de averiguar de forma quantitativa e qualitativa os conteúdos e discussões propostas pelo mesmo para a formação de pedagogos e pedagogas no que diz respeito aos assuntos de gênero e sexualidade na educação.

2.4 Gênero e sexualidade nos cursos de Pedagogia da FAGED/UFC

Assim como todo curso de licenciatura, a Pedagogia tem como principal objetivo formar profissionais docentes para atuar na Educação Básica. Nesse caso, o curso é focado na formação docente para a Educação Infantil e para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2017, as matrículas nos cursos de licenciatura em Pedagogia de todo o país somam 710.855 estudantes, representando um total

de 44,7% do total de alunos matriculados em cursos de licenciatura nas instituições de nível superior do país (MEC, 2017).

Ainda de acordo com o mesmo levantamento, o curso ocupa a segunda posição entre todos os cursos de graduação Brasil em número de matrículas, perdendo a primeira posição para o curso de Direito. Os resultados da pesquisa também mostram que o curso de Pedagogia está no topo do *ranking* que diz respeito ao número de mulheres matriculadas; de acordo com o MEC, elas ocupam 92,9% do total de vagas ofertadas, totalizando 660.917 (2017). Tais dados dialogam com o que diz o Censo da Educação Superior de 2017 sobre a presença massiva de profissionais do gênero feminino na Educação Infantil, abordado no tópico anterior.

Por se tratar de um curso de formação docente, a licenciatura em Pedagogia da FAGED/UFC está orientada sob a Resolução nº 2, de 1º de Julho de 2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. O documento noz diz que o projeto pedagógico da formação de professores deve contemplar “as questões socioambientais, éticas, estéticas e relativas à diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional e sociocultural como princípios de equidade.” (p. 5).

Além disso, o documento salienta que o egresso dos cursos de formação docente deve estar preocupado com “consolidação da educação inclusiva através do respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, entre outras” (p. 6), “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, de faixas geracionais, de classes sociais, religiosas, de necessidades especiais, de diversidade sexual, entre outras” (p. 8), além de

identificar questões e problemas socioculturais e educacionais, com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, a fim de contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas, de gênero, sexuais e outras. (p. 8)

Um destaque sobre as citações acima diz respeito a forma como as questões de gênero e sexualidade são mencionadas; atualmente o termo “diversidade” é amplamente aceito pela maioria dos estudiosos da área e pela comunidade LGBT como um todo. Isso pode levar a pensar que a elaboração da resolução levou em consideração, talvez por intermédio de pessoas que dela participaram, as pesquisas sobre as temáticas de gênero e sexualidade, principalmente no que diz respeito as terminologias apropriadas para referir-se a essas

questões (o mesmo não ocorreu com as Diretrizes Nacionais Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura, como será comentado aqui brevemente). Ainda sobre o documento, é dito que

Os cursos de formação deverão garantir nos currículos conteúdos específicos da respectiva área de conhecimento ou interdisciplinares, seus fundamentos e metodologias, bem como conteúdos relacionados aos fundamentos da educação, formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, Língua Brasileira de Sinais (Libras), educação especial e direitos educacionais de adolescentes e jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. (p. 11)

Quando é dito que se deve garantir “conteúdos específicos” e logo depois menciona temas como o da diversidade sexual e de gênero, imagina-se que os cursos de formação de docentes para o magistério, como o curso de Pedagogia, poderiam ter no mínimo uma disciplina em sua matriz curricular que abordasse as questões de gênero e sexualidade na educação. Entretanto, o documento não traz a LGBTfobia como algo a ser combatida nas escolas e não diz que profissionais docentes devem estar atentos a essas questões, mesmo existindo dados alarmantes sobre a violência que esses sujeitos sofrem nas instituições escolares já discutido em um tópico anterior a este. Ele se repete em outros documentos norteadores que estruturam o curso de Pedagogia da FAGED/UFC, como vemos a seguir.

Uma breve pesquisa nas Diretrizes Nacionais Curriculares para o Curso de Pedagogia, licenciatura (Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de Maio de 2006), no que diz respeito a identidade de profissionais da Pedagogia diz que essas pessoas “demonstrar consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, étnico-racial, de gêneros, faixas geracionais, classes sociais, religiões, necessidades especiais, escolhas sexuais, entre outras” (p. 2). O termo “escolhas sexuais”, usado na resolução referindo-se às práticas homoafetivas já era julgado como ultrapassado muitos anos antes das diretrizes entrarem em vigor. Obras de pessoas que pesquisam as questões de gênero e sexualidade como Guacira Lopes Louro, Judith Butler e Michel Foucault, há muito já aprofundavam as terminologias usadas para referir-se as questões identidades de sujeitos homossexuais.

O fato de o termo “escolhas sexuais” ter sido usado, mesmo que em 2006, em uma diretriz curricular para um curso de formação docente é preocupante e pode indicar que os estudos de gênero e sexualidade eram desconhecidos ou, de certa forma, ignorados pelas pessoas a cargo de elaborar um texto que até hoje é usado como base para a construção de um curso de licenciatura em Pedagogia.

Além disso, a resolução também fala que profissionais de Pedagogia devem atentar-se em “identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras” (p. 2). No texto em questão não há qualquer menção a outros como alvo de possíveis exclusões, ignorando completamente estudos de gênero e sexualidade anteriormente debatidos no âmbito da educação como os de Butler (1990; 1993).

O PPP do curso de Licenciatura em Pedagogia da FAGED/UFC é, de certa forma, um espelho das Diretrizes Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura, e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, no que diz respeito a justificativa e objetivos do curso e as competências e habilidades a serem desenvolvidas pelos estudantes, cometendo assim o mesmo equívoco teórico ao usar “escolhas sexuais” para referir-se às pessoas não heterossexuais. (FAGED/UFC, p. 15, 20 e 22)

Uma breve pesquisa no PPP do curso com as palavras-chave “gênero” e “sexualidade” nos indica que existem apenas três disciplinas que abordam os temas diretamente: Formação Intercultural; Identidade, Diferença e Diversidade; e Educação em Direitos Humanos; as disciplinas em questão fazem parte da matriz optativa do currículo. A primeira traz em sua ementa “As várias acepções do conceito de cultura. A emergência dos estudos interculturais. Diferenças, desigualdades sociais e relações alteritárias (gênero, etnia e geração); as representações do outro. Formação intercultural na prática educativa.” (p. 53) e tem em sua bibliografia complementar Larrossa (1998), Loiola (2009) e Louro (1999), textos esses que abordam as questões de gênero e sexualidade da contemporaneidade.

Já a disciplina de Identidade, Diferença e Diversidade traz como propostas de leitura em sua bibliografia complementar os estudos de Tomaz Tadeu da Silva, um pesquisador brasileiro que se debruça nos estudos da filosofia das diferenças de Gilles Deleuze e Michel Foucault (p. 80). Em Educação em Direitos Humanos podemos observar uma certa evolução em relação a linguagem utilizada para as questões de sexualidade onde aparece na ementa da disciplina o termo “orientação sexual” (p. 66), reforçando a tese de que o termo “escolhas sexuais” anteriormente utilizado trata-se de um espelho do que diz as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Porém, não há em sua bibliografia nenhuma referência de textos e autores que abordem diretamente essas questões.

Há uma disciplina de nome “Educação, Saúde e Transversalidade” (p. 49) e outra denominada de “Educação Sexual nas Escolas” (p. 64) entretanto, ambas estão diretamente associadas as questões de sexualidade voltadas para a saúde e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e com sua bibliografia focando apenas em discussões biológicas.

Outro aspecto encontrado no PCC está a parte do estágio obrigatório supervisionado, nos dizendo que essas atividades devem oportunizar experiências aos estudantes que lhes permitam “Adotar comportamentos e tomar decisões pautadas pela ética, pela superação de preconceitos, pela aceitação da diversidade física, intelectual, sensorial, cultural, social, racial, linguística e sexual dos educandos...” (p. 98). Apesar do termo “diversidade sexual” aparecer no texto, podemos nos perguntar quais os aportes teóricos e metodológicos que o aluno irá utilizar em uma situação de tomada de decisões pautadas ao respeito a esses indivíduos não heterossexuais, visto que as disciplinas obrigatórias do curso carecem do trato das questões de gênero e sexualidade na educação em sua ementa e bibliografia.

Ademais, há apenas um docente na lista informada pelo PPP que tenha experiência em algum assunto relacionado as questões de gênero e sexualidade na educação¹⁷ e no site da FACED/UFC não consta nenhum grupo de pesquisa ou projeto de extensão cadastrados que aborde direta ou indiretamente esses temas.

¹⁷ O professor Gerardo Vasconcelos, vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação, estuda questões de gênero e prostituição sob a ótica da filosofia. Ademais, a professora Kelly Menezes, vinculada ao mesmo departamento, estou em sua tese de doutorado questões de gênero envolvendo alunas mulheres da Educação de Jovens e Adultos de Fortaleza/CE, mas seu nome não consta o PPP pois ela é professora efetiva da FACED/UFC somente a partir dos últimos dois três anos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

O capítulo anterior apresentou o referencial teórico acerca do pânico moral sobre as discussões de gênero e sexualidade na sociedade brasileira contemporânea e como isso impacta na educação, nos alertando para a urgência de uma formação de pedagogos e pedagogas para as questões de gênero e sexualidade. Diante do que foi exposto, busquei averiguar como e onde o currículo do curso de Pedagogia da FACED/UFC aborda questões de gênero e sexualidade e suas implicações na formação de seus estudantes, na educação e na escola.

Com o objetivo de ouvir as pessoas a quem o currículo do curso se direciona, elaboramos um formulário *online* para estudantes do primeiro semestre do curso com o objetivo de analisar suas expectativas (ou falta de expectativas) referente ao trato das questões de gênero e sexualidade na FACED/UFC. Buscando verificar estudantes do último semestre do curso tiveram alguma experiência no ensino, pesquisa e extensão na FACED/UFC sobre questões de gênero e sexualidade, outro formulário foi elaborado direcionado para tais. Os dados de ambos os tipos de sujeitos da pesquisa foram colhidos entre os meses setembro e outubro de 2020, que corresponde ao primeiro semestre letivo do ano.

A presente pesquisa também possui um viés comparativo de dados; o que estudantes do primeiro semestre esperam (ou não) do curso referente as questões de gênero e sexualidade na educação será comparado ao que pessoas do último semestre viram durante o curso sobre a mesma temática. A comparação parte do princípio de que, apesar de ambos os grupos serem distintos e estarem no mesmo curso em momentos diferentes, a matriz curricular de disciplinas obrigatórias e optativas permanecem a mesma, não raro com sem alterações de ementa e de docentes. Tal comparação será feita da seguinte forma: com os dados colhidos de estudantes do primeiro semestre sobre como dar-se-á as questões de gênero e sexualidade durante o curso, as respostas de estudantes do último semestre ajudarão a compreender os distanciamentos e as aproximações entre as expectativas e crenças e a vivência desses últimos. Ou seja, uma relação entre expectativa e realidade.

A pesquisa tem como objetivo geral **analisar os distanciamentos e aproximações entre experiências de estudantes do último semestre do curso de Pedagogia da FACED/UFC sobre questões de gênero e sexualidade na educação e as crenças, expectativas e ideias que estudantes do primeiro semestre possuem sobre o trato desse mesmo tema no curso** e conta com os seguintes objetivos específicos:

- conhecer as expectativas, ideias e crenças que estudantes do primeiro semestre têm sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da

FACED/UFC;

- identificar as áreas, disciplinas e projetos que estudantes do último semestre tiveram acesso que abordaram questões de gênero e sexualidade na educação;

3.1 Tipo e natureza da pesquisa

A presente pesquisa possui dados analisados tanto de maneira quantitativa como de maneira qualitativa; ambos os tipos de análise são importantes para contemplar os objetivos geral e específicos propostos para a pesquisa. Assim, o estudo possui um caráter exploratório a fim de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, ascendendo uma discussão no campo da educação e da Pedagogia, com ênfase na formação docente inicial em nível superior.

Segundo Gerhardt (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica dos dados colhidos, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma determinada localidade, entre outros. Com isso, a análise qualitativa ficou a cargo da última resposta do formulário, que consistiu em saber, de estudantes do primeiro semestre do curso, como eles acreditam que as questões de gênero e sexualidade na educação podem e devem aparecer durante o curso. Já em relação a estudantes do último semestre, a pergunta é em relação ao o que, onde e como as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas na sua jornada acadêmica na FACED/UFC, ou se elas essas questões foram sequer abordadas.

Flick (2009, p. 24-25) alerta que “a pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados”. No caso da análise de dados da presente monografia, o meu ponto de vista, como pesquisador, leva em consideração que o instrumento utilizado para a coleta de dados é virtual (que não traz necessariamente uma escrita acadêmica ou de acordo com as normas da língua portuguesa), que o momento dedicado para responder as perguntas pode interferir na qualidade e na quantidade das respostas (pois não há como saber o que tais estudantes estavam fazendo nesse momento ou o que deixaram de fazer para responder o formulário), entre outras questões.

3.2 Sujeitos e local da pesquisa

A pesquisa foi realizada com 40 estudantes dos cursos de Pedagogia da FACED/UFC, sendo 20 estudantes matriculados no primeiro semestre e 20 estudantes que estão, na data de

coleta de dados da pesquisa (setembro e outubro de 2020), cursando seu último semestre antes da colação de grau do curso.

Dentre estudantes com matrícula ativa no primeiro semestre, 10 fazem parte do curso do turno integral e os outros 10 do curso vespertino-noturno (Gráfico 1)¹⁸, 13 se identificam como mulheres, 6 como homens e 1 como pessoa agênero (Gráfico 2), além de terem idades entre 17 e 26 anos (Gráfico 3).

Sobre estudantes com matrícula ativa no último semestre do curso, há 14 que ingressaram pelo turno vespertino-noturno e 6 no curso integral (Gráfico 4), sendo 16 identificados como mulheres e 4 como homens (Gráfico 5), todos com idade entre 21 e 44 anos (Gráfico 6).

Devido ao cenário social que o país se encontra durante a elaboração da presente pesquisa devido a pandemia causada pela SARS-Cov2 (coronavírus), não foi possível fazer entrevistas pessoalmente com nenhum público-alvo da pesquisa. Assim, pedi via mensagem para uma integrante da então gestão do Centro Acadêmico Paulo Freire, do curso de Pedagogia da FAGED/UFC, para que me deixasse entrar no grupo de calouros no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp* para ter acesso aos números pessoais de estudantes do primeiro semestre do curso e, de forma aleatória, mandar uma mensagem fazendo o convite para participar da pesquisa.

Já para o contato com estudantes do último semestre do curso não houve necessidade de mediação feita por terceiros pois tenho acesso a muitas pessoas que cursaram todas as disciplinas do curso em questão e estão apenas com a monografia como pendência de conclusão. Entretanto, o contato também foi feito via *WhatsApp*.

3.3 Instrumentos e técnicas de análise de dados

Optamos por utilizar formulários *online* do *Google* (Apêndice A) para coletar os dados necessários. Os formulários contêm perguntas de escolha única, múltipla escolha e perguntas a serem respondidas com parágrafos, independentemente da quantidade de linhas. Assim, a pesquisa possui dados para análise tanto de forma quantitativa quanto qualitativa. Nas perguntas cujas respostas são parágrafos e/ou textos corridos, a análise feita é de conteúdo, que Bardin (1977, p. 42) define como

¹⁸ Os gráficos mencionados, apesar de não estarem no corpo do texto, se encontram no Apêndice B do presente trabalho e foram ocultados do texto pois seu conteúdo diz respeito a informações pessoais de participantes da pesquisa que são úteis para fins metodológicos de investigação, visando a diversidade no público-alvo da pesquisa.

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

O formulário designado à estudantes do primeiro semestre foi elaborado visando contemplar o primeiro objetivo específico da pesquisa para que, assim, fosse possível conhecer como tais estudantes pensam que as questões de gênero e sexualidade na educação são abordadas no curso de Pedagogia da FAGED/UFC. O outro formulário, indicado à estudantes do último semestre, foi elaborado de forma que os dados fossem comparados com os do formulário anterior: onde no primeiro formulário há “Em quais áreas do curso você acredita que as questões de gênero e sexualidade na educação serão abordadas?” no outro formulário há “Em quais áreas do curso as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas?”¹⁹.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009) há duas possibilidades de análise de dados de pesquisa qualitativa: análise de conteúdo, que “espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso” e “visa no texto justamente uma série de significados que o codificador detecta por meio de indicadores que a ele estão ligados”, e análise de discurso, que “trabalha com o sentido, e não com o conteúdo” e “supõe que a linguagem não é transparente, mas opaca.” (p. 86). Dizem que

para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 84).

Tendo isso em mente, a análise de dados qualitativos da presente pesquisa é feita de modo a contemplar o conteúdo das respostas de estudantes participantes, pois os textos de respostas serão examinados dentro do contexto proposto pela pesquisa, que se trata da abordagem das questões de gênero e sexualidade na educação dentro do currículo do Curso de Pedagogia da FAGED/UFC.

Já a parte quantitativa está apoiada em dados estatísticos para gerar respostas breves e confiáveis através de perguntas com escolha única de item, de múltipla escolha e de respostas validadas apenas em números (quantidades), garantindo assim a precisão nos resultados evitando erros de investigação e de interpretação.

¹⁹ Algumas destas respostas conta com palavras sem a acentuação necessária ou palavras abreviadas e. para um melhor entendimento, corriji as palavras para a forma gramaticalmente correta.

4 GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL: MAPEANDO ÁREAS E DISCIPLINAS DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACED/UFC

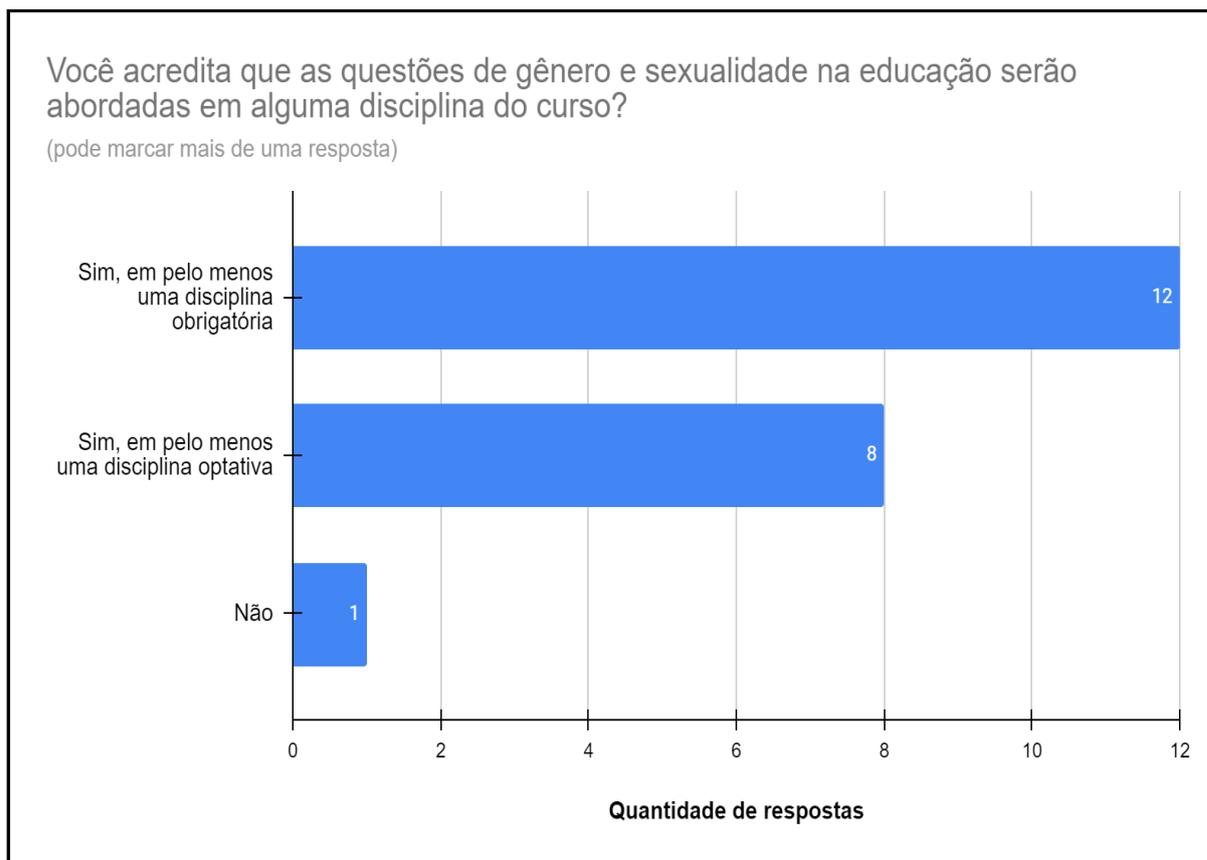
O presente capítulo objetiva analisar os dados colhidos para a elaboração da pesquisa e está dividido em dois subtópicos; o primeiro faz um levantamento de disciplinas que abordam as questões de gênero e sexualidade na educação através de informações dadas de estudantes do último semestre do curso de Pedagogia da FACED/UFC, bem como analisar as expectativas que estudantes do primeiro semestre possuem em relação ao trato dessas mesmas questões nas disciplinas do curso, buscando atingir os dois objetivos específicos da pesquisa mencionados no capítulo anterior, que são: conhecer as expectativas que estudantes do primeiro semestre têm sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da FACED/UFC e identificar as áreas, disciplinas e projetos que estudantes do último semestre tiveram acesso que abordaram questões de gênero e sexualidade.

O terceiro subtópico, com uma análise qualitativa, trata das expectativas, ideia e crenças que estudantes do primeiro semestre possuem sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso e Pedagogia da FACED/UFC. Para tanto, a pergunta direcionada foi: “Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que você gostaria que fosse abordado no curso? Se sim, como esse tema poderia ser abordado e em quais áreas/disciplinas?”.

No quarto subtópico estão os dados coletados de estudantes do último semestre como resposta a seguinte pergunta: “Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que foi abordado durante o curso? Se sim, como esse tema foi abordado e em quais áreas/disciplinas? Se não, em quais áreas/disciplinas o assunto poderia ter sido abordado e de que forma?”. Esses dados serão analisados tanto de forma isolada dos demais como fazendo uma aproximação com as ideias, expectativas e crenças de estudantes do primeiro semestre que serão expostas e analisadas no tópico anterior a esse

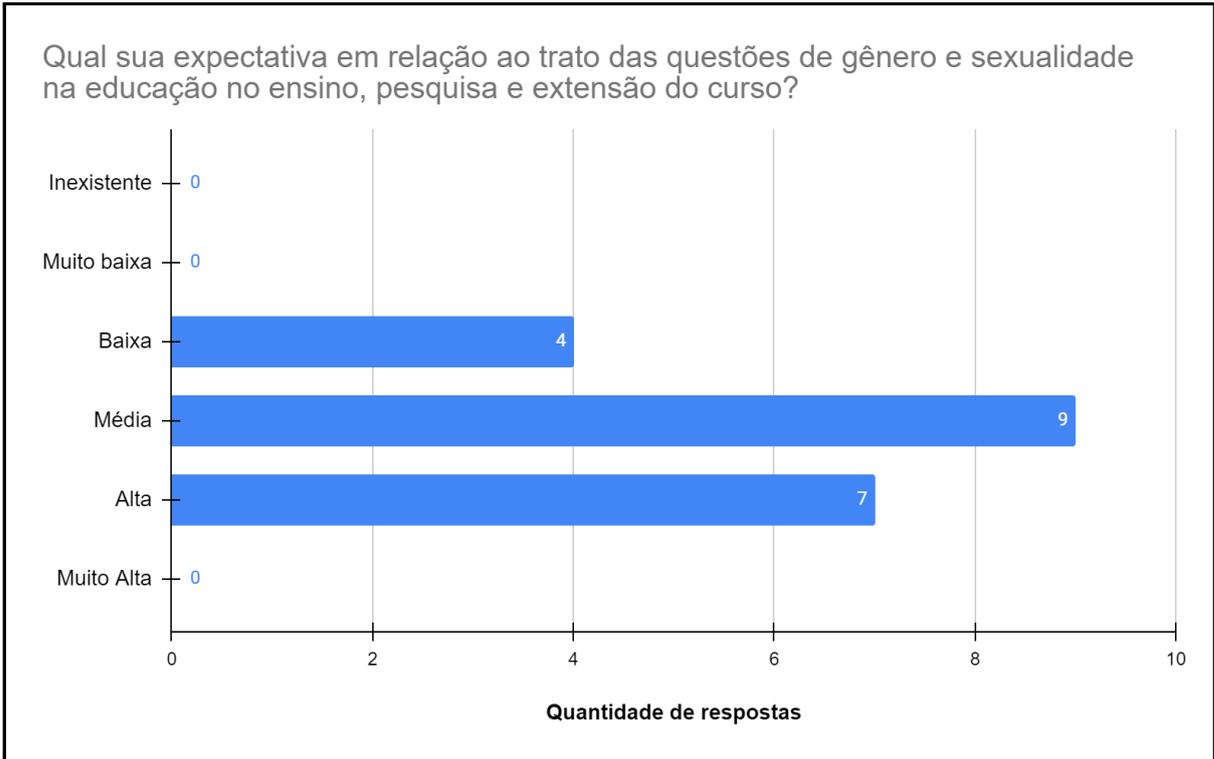
4.1 Entre crenças e dados concretos: analisando quantidades

As perguntas direcionadas à estudantes do primeiro semestre tinham como intuito contemplar o objetivo da presente pesquisa de conhecer as expectativas que essas pessoas têm sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia. Com isso, a primeira questão posta para tanto está representada abaixo (Gráfico 7), com todas as 20 respostas:

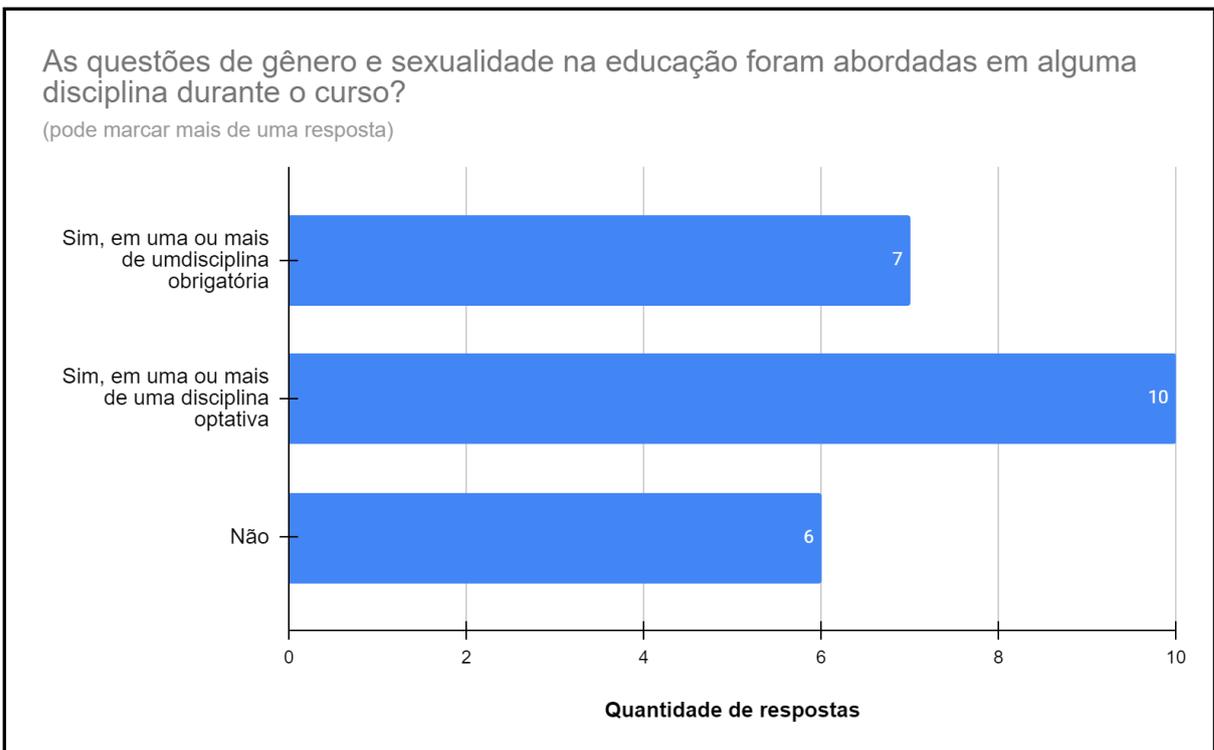


O gráfico acima aponta que, 60% de estudantes participantes da pesquisa acreditam que as questões de gênero e sexualidade na educação serão abordadas em pelo menos uma disciplina obrigatória do curso, 40% pensam que as mesmas questões serão abordadas em pelo menos uma disciplina do curso e apenas 5% acreditam que tais questões referente às questões de gênero e sexualidade não serão abordadas na matriz curricular de disciplinas do curso. O número que representa mais da metade de estudantes participantes da pesquisa que acreditam na possibilidade das questões de gênero e sexualidade serem abordadas em pelo menos uma disciplina obrigatória pode revelar o desconhecimento dos conteúdos abordados nas disciplinas obrigatórias já analisadas no tópico 2.3 da presente monografia.

Quanto as expectativas que esses mesmos estudantes possuem sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da FACED/UFC, o gráfico abaixo (Gráfico 8) mostra que a quantidade de participantes da pesquisa que não possuem nenhuma expectativa ou possuem uma expectativa baixa é inexistente, além de indicar que 30% de participantes possuem uma alta expectativa em relação ao trato dessas questões no curso:



Com o intuito de averiguar se os achismos representados nas respostas da pergunta anterior podem, de certa forma, dialogar com o que ocorre nas aulas do curso de Pedagogia da FACED/UFC referente às questões de gênero e sexualidade, estudantes do último semestre responderam se as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas durante as disciplinas do curso (Gráfico 9):

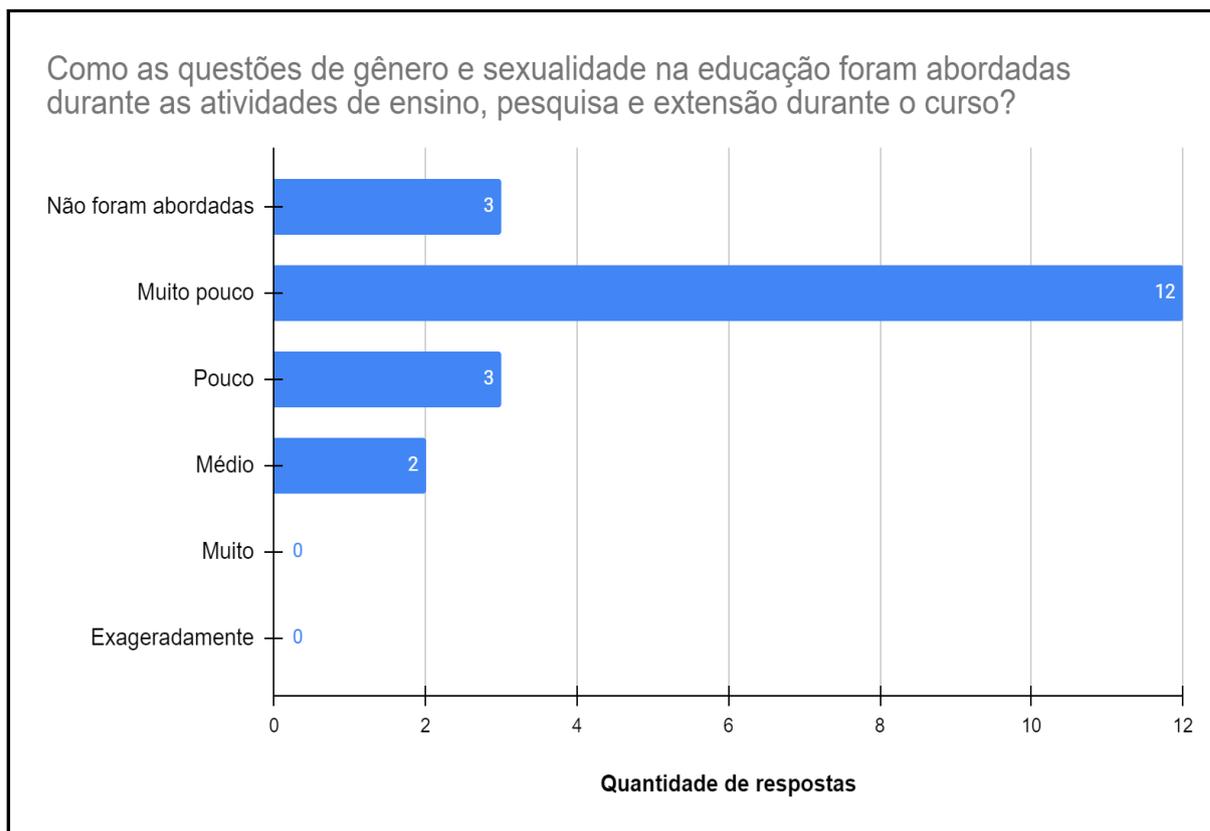


Os dados representados no gráfico acima mostram que 35% de estudantes afirmam que as questões sobre gênero e sexualidade na educação foram abordadas em pelo menos uma disciplina optativa, 50% dizem que presenciaram tais questões sendo abordadas em pelo menos uma disciplina obrigatória enquanto 30% de estudantes participantes da pesquisa sequer ouviram docentes abordando questões de gênero e sexualidade na educação em todas as disciplinas que participaram durante sua trajetória acadêmica no curso de Pedagogia da FAGED/UFC.

Os dados do gráfico acima onde metade de estudantes ouvidos para a pesquisa dizem que as questões sobre gênero e sexualidade na educação foram abordadas em pelo menos uma disciplina optativa do currículo dialoga com as discussões feitas no tópico 2.3 da presente monografia mostram que existem 3 disciplinas no currículo do curso de Pedagogia da FAGED/UFC, sendo todas optativas, que propõem em sua ementa discussões sobre as questões de gênero e sexualidade na educação.

Já os dados referentes a 7 estudantes que dizem terem presenciado tais discussões em pelo menos uma disciplina obrigatória, mesmo as discussões da fundamentação teórica da presente pesquisa mostrarem que não há no PCC do curso de Pedagogia da FAGED/UFC qualquer disciplina obrigatória no currículo que aborde as questões de gênero e sexualidade na educação, podem ser interpretados com o uso da autonomia docente em abordar assuntos pertinentes ao conteúdo das disciplinas ministradas. Ou seja, tal suposição leva em consideração que docentes façam uso da sua autonomia em discutir as questões de gênero e sexualidade que permeiam a educação e a escola já sistematizadas por Louro (2001; 2013 e 2014) e Dinis (2011).

Além disso, 75% de estudantes participantes da pesquisa disseram que as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas “muito pouco” ou “pouco” por docentes da FAGED/UFC, enquanto apenas 15% disseram que as questões foram abordadas de forma “média” durante todo o curso. Nenhuma das pessoas relataram que as questões de gênero e sexualidade foram abordadas muitas vezes ou de forma exagerada. como mostra o gráfico abaixo (Gráfico 10):

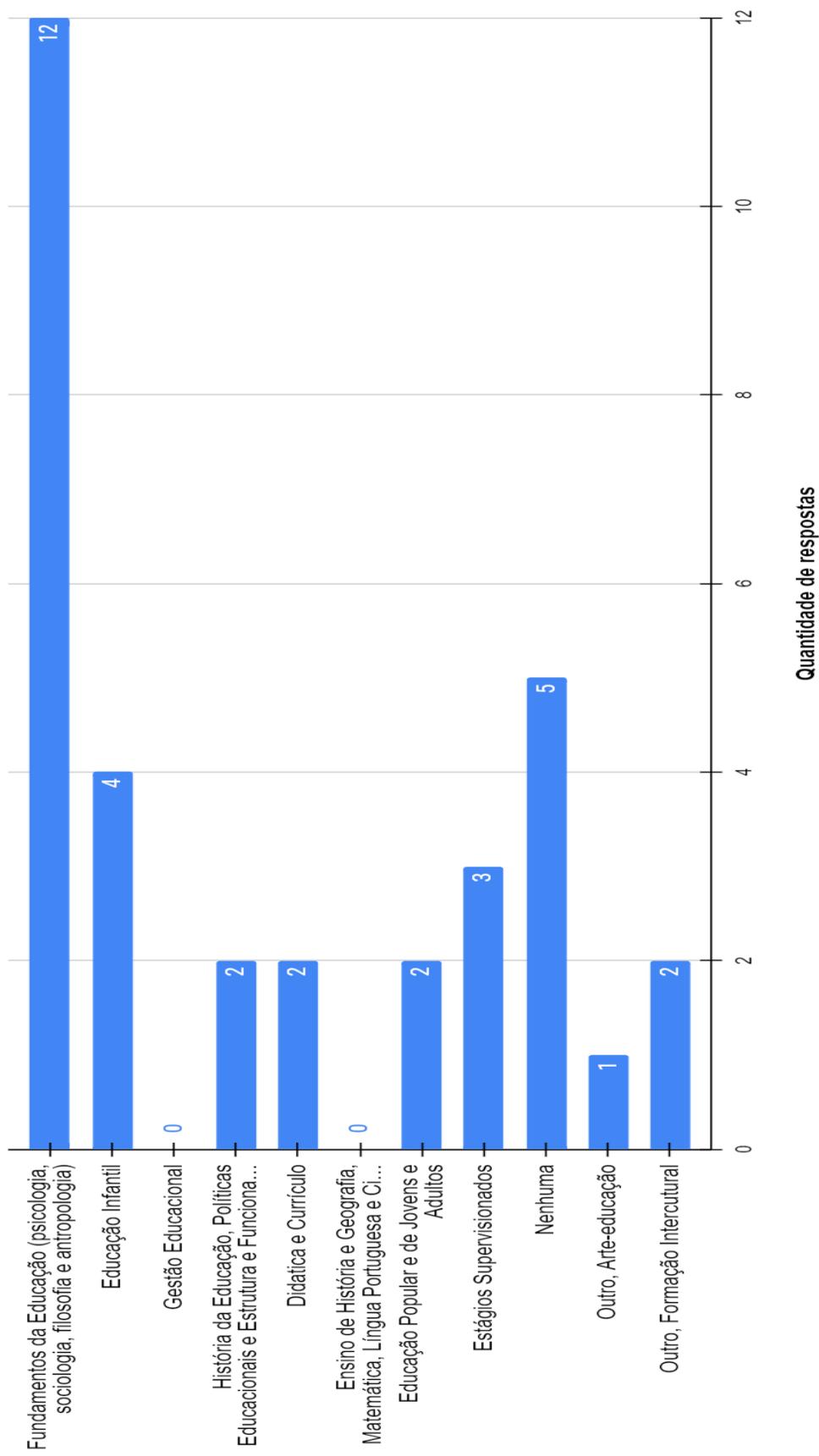


4.2 Onde as questões de gênero e sexualidade podem, devem e são abordadas no curso de Pedagogia da FAGED/UFC?

Visando mapear em quais áreas e disciplinas as questões de gênero e sexualidade são abordadas no curso de Pedagogia da FAGED/UFC, estudantes do último semestre do curso participantes da pesquisa responderam a essa questão através de uma pergunta com múltipla escolha de respostas e foram obtidos os seguintes dados abaixo (Gráfico 11):

Em quais áreas do curso as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas?

(pode marcar mais de uma resposta)



As disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação, todas ministradas do primeiro ao 4º semestre do curso, foram marcadas por 12 de 20 estudantes participantes da pesquisa; esse dado mostra que, logo nos primeiros semestres, estudantes podem ter acesso as discussões que envolvem as temáticas de gênero e sexualidade na educação nas áreas da Psicologia, Sociologia, Filosofia e Antropologia. Além disso, 2 participantes da pesquisa disseram que essas mesmas questões foram abordadas nas disciplinas de Política Educacional, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica e/ou História da Educação Brasileira, sendo as duas últimas pertencentes ao mesmo departamento aqui mencionado.

A área de Educação Infantil possui 2 disciplinas obrigatórias no currículo do curso de Pedagogia da FAGED/UFC e 4 participantes da pesquisa afirmaram que as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas em pelo menos uma dessas disciplinas, mesmo sabendo a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, representando a primeira separação história entre a criança e a família e a também a primeira inserção da criança na educação formal.

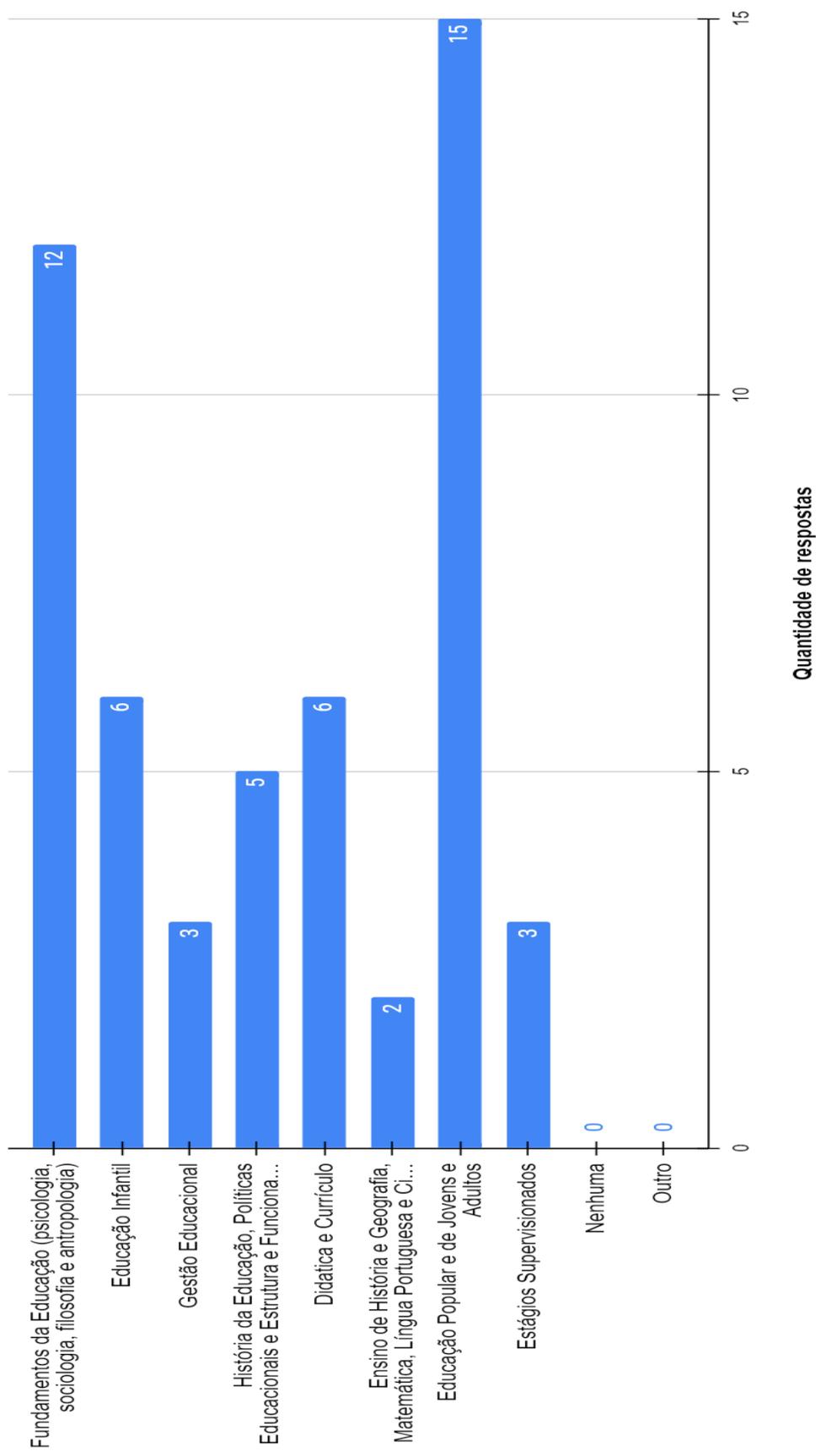
Outra quantidade de 2 pessoas aponta que essas mesmas questões foram abordadas nas disciplinas de Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos e Didática. Nos estágios supervisionados, apenas 3 participantes afirmaram terem tido acesso a discussões de gênero e sexualidade nessas disciplinas, 1 pessoa diz ter presenciado essa discussão na disciplina de Arte-Educação e outras 2 na disciplina de Formação Intercultural, disciplina optativa no currículo do curso e única que possui em sua bibliografia e ementa assuntos diretamente ligados a gênero e sexualidade na educação.

As áreas de Gestão Educacional e de Ensinos de Geografia e História, Ciências, Matemática e Língua Portuguesa não foram opções escolhidas, mostrando que participante algum da pesquisa teve acesso as discussões sobre gênero e sexualidade em nenhuma dessas áreas e disciplina. Além disso, 5 pessoas disseram nunca ter presenciado tais discussões durante todo o curso.

Uma pergunta com o mesmo intuito de mapear possíveis disciplinas onde as questões de gênero e sexualidade poderiam ser abordadas no curso foi direcionada a estudantes do primeiro semestre e os resultados estão alocados abaixo (Gráfico 12):

Você acredita que as questões de gênero e sexualidade na educação serão abordadas em alguma disciplina do curso?

(pode marcar mais de uma resposta)



O primeiro apontamento sobre o gráfico acima diz respeito ao número expressivo de respostas na opção “Educação Popular e de Jovens e Adultos”; levando em consideração que a pergunta é direcionada a estudantes do primeiro semestre, o fato de 15 participantes da pesquisa marcarem essa opção como uma possibilidade no trato das questões de gênero e sexualidade na educação aponta para um possível entendimento equivocado do conceito de Educação Popular que, na disciplina do curso de Pedagogia da FAGED/UFC, está atrelado diretamente a Educação de Jovens e Adultos. Além disso, nas respostas de estudantes do último semestre sobre em quais áreas e disciplinas as questões de gênero e sexualidade foram abordadas durante o curso, a opção que representa a área de Educação Popular e de Jovens e Adultos foi marcada por apenas 2 pessoas, reforçando que a ideia inicial de ingressantes não se materializa.

A área de Fundamentos da Educação (Filosofia, Sociologia, Psicologia e Antropologia da Educação) concentra o mesmo número de respostas (12) da pergunta direcionada a estudantes do último semestre, mostrando que essas expectativas podem ser atendidas e refletindo também no subtópico seguinte dessa pesquisa, que diz respeito a área de Fundamentos da Educação como uma possibilidade de discussão para as questões de gênero e sexualidade na educação.

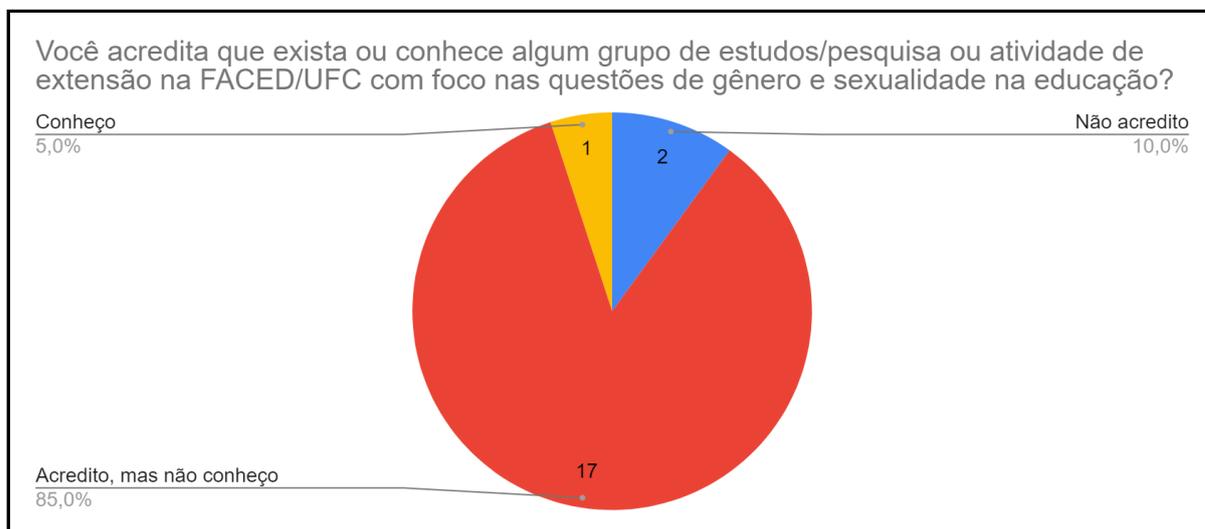
As áreas de Educação Infantil e Didática ambas foram marcadas por 6 participantes da pesquisa como uma possibilidade de se debater as questões de gênero e sexualidade na educação; essa expectativa mesmo que quase inexpressiva revela que, mesmo sendo estudantes do primeiro semestre do curso e com idades entre 17 e 26 anos, essas pessoas já possuem uma ideia de que essas áreas do curso possuem potencial para o trato dessas questões, mesmo que desconheçam termos como “*heteronormatividade*” e como essa problemática está enraizada na Educação Infantil e na prática do docente, assunto esses já discutidos na fundamentação teórica da presente pesquisa.

As disciplinas de Política Educacional, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica e História da Educação Brasileira foi marcada por 5 estudantes que veem nessa área uma possibilidade a se abordar as questões de gênero e sexualidade, revelando mais um dado que não se concretiza de acordo com estudantes do último semestre ouvidos nessa pesquisa, onde não houve quaisquer estudantes que tenha tido a experiência de presenciar discussões sobre gênero e sexualidade nessas disciplinas.

Ademais, 3 estudantes esperam ter acesso as discussões sobre gênero e sexualidade na educação nos Estágios Supervisionados, a opção “nenhuma” não foi marcada e,

estranhamente, 3 pessoas acreditam que a área de Gestão Educacional podem ser uma possibilidade para abordar as questões de gênero e sexualidade na educação.

Ingressantes do curso participantes da pesquisa também foram perguntados sobre a possível existência de grupos de estudos e de pesquisa na FACED/UFC que trate as questões de gênero e sexualidade na educação (Gráfico 13):



A ampla maioria (17) diz acreditar na existência de pelo menos um grupo de estudos/pesquisa que aborde as questões de gênero e sexualidade na educação, enquanto 2 estudantes dizem não acreditar nessa possibilidade e 1 diz, surpreendentemente, conhecer; sobre esse último, acredito que informações acerca do Grupo de Estudos sobre Gênero e Educação do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Pedagogia²⁰, divulgado no início do semestre letivo 2019.2, tenha chegado até essa pessoa.

Em contrapartida, nenhuma das 20 pessoas do último semestre que participaram da pesquisa sequer conhecem algum grupo de estudos ou pesquisa na FACED/UFC direcionado a discutir as questões de gênero e sexualidade na educação (Gráfico 14):

²⁰ O grupo de estudos criado pelo PET Pedagogia foi divulgado em cartazes na Faculdade de Educação e nas redes sociais do projeto. Para maiores informações, procurar em http://instagram.com/pet_pedagogiaufc.



O fato de nenhuma das 20 pessoas (número esse que representa metade de uma turma ingressante no curso) ter sequer ouvido falar de algum grupo de estudos/pesquisa da FACED/UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação valida a análise do PPC do curso feita anteriormente na presente pesquisa e, além disso, o distanciamento entre as pesquisas e discussões realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FACED/UFC e o curso de Pedagogia da mesma unidade, visto que a linha de pesquisa História e Educação Comparada (LHEC) conta com um eixo denominado de “Família, Sexualidade e Educação”, com discussões sobre a temática e com dissertações e teses já apresentadas (e outras em processo de elaboração) sobre as questões de gênero e sexualidade na educação. Ademais, também há no PPGE a linha de pesquisa Filosofia e Sociologia da Educação (FILOS) que conta com o eixo “Filosofias da Diferença, Antropologia e Educação”, com um forte aporte teórico de Michel Foucault, filósofo pós-estruturalista que a muito já contribuiu para o que se tem hoje de estudos sobre gênero, sexualidade e educação.

Mesmo os resultados da pesquisa analisados até o presente momento demonstrarem que o curso de Pedagogia da FACED/UFC ainda carece (pelo menos quantitativamente) de uma melhor/maior abordagem sobre as questões de gênero e sexualidade.

5 EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO A ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FACED/UFC

Neste capítulo, busco expor, a partir das respostas obtidas de estudantes do primeiro semestre, as ideias iniciais e os argumentos trazidos para responder à pergunta “Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que você gostaria que fosse abordado no curso? Se sim, como esse tema poderia ser abordado e em quais áreas/disciplinas?”. Tais estudantes, apesar de recém-chegados no curso de Pedagogia, possuem ideias e expectativas adquiridas durante sua vida escolar, profissional e social sobre as questões de gênero e sexualidade, visto que esse tema está associado a polêmicas midiáticas e atrelado a um pânico moral (tema já debatido nos fundamentos teóricos que sustentam a presente pesquisa).

Das 20 respostas obtidas para a pergunta citada no parágrafo anterior, 7 são de estudantes que responderam “não”, “.” ou que dizem não ter nenhum tema específico ou área em mente e, por isso, não estão representadas na análise. Ademais, as respostas aqui citadas são as mesmas retiradas do Formulário do Google usado para colher os dados sem alteração gramatical ou lexical.

5.1 As disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação como uma possibilidade para abordar as questões de gênero e sexualidade na educação

Os dados analisados no capítulo anterior já apontaram que as expectativas de estudantes do primeiro semestre sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso de Pedagogia da FACED/UFC recaem, boa parte, sob as disciplinas da área de fundamentos da educação. Estão a seguir alguns depoimentos que correspondem a análise proposta para esse subtópico:

*Acho que o próprio conhecimento sobre gênero, suas formas de apresentação e etc. Na **psicologia** seria legal, ou em uma matéria específica. (A)*

*Eu acho que temas relacionados ao conteúdo podem ser abordados em disciplinas voltadas à **psicologia e sociologia**, porém, mesmo sendo um assunto importante, acho que deveria ser uma disciplina optativa. (B)*

*Eu acredito que as percepções e estudos da **psicologia** sobre o tema da sexualidade, seriam muito pertinentes à formação de qualquer educador. (C)*

*Acho que a Educação sexual é um tema importantíssimo na formação dos nossos alunos e deveria ser mais explorado. Creio que poderia ser abordado em **psicologia**. (D)*

Construção social da identidade de gênero (E)

A palavra “psicologia” está presente em todos os relatos que mencionam disciplinas da área de fundamentos da educação uma possibilidade de abordar as questões de gênero e sexualidade na educação e pode representar as três disciplinas obrigatórias “Psicologia da Educação I: Fundamentos”, “Psicologia da Educação II: Infância” e “Psicologia da Educação III: da Infância à Adolescência” bem como algumas disciplinas optativas como “Psicopedagogia” e “Psicologia da Educação IV: da Adolescência à Fase Adulta”. Entretanto, tais expectativas não são contempladas na ementa das três disciplinas obrigatórias já que elas tratam de aspectos do desenvolvimento da criança e de processos de aprendizagem tendo como principais teóricos Piaget, Vygotsky e Wallon.

Além disso, são mencionadas palavras como “sociologia” e “história” e, assim com as disciplinas da área da psicologia não fazem nenhuma menção às questões de gênero e sexualidade em sua ementa tampouco trazem a temática em suas referências bibliográficas. O potencial visto por estudantes do primeiro semestre do curso nas disciplinas de fundamentos da educação dá-se pois, historicamente, elas estão fortemente associadas à grande área das Ciências Humanas que a muito se debruçam sobre temas considerados “tabus”, como é o caso das questões de gênero e sexualidade, principalmente na educação e na escola. E por esses mesmos motivos a fala sobre “construção social da identidade de gênero” também se faz presente nesse mesmo subtópico, mesmo não falando diretamente sobre as disciplinas de fundamentos da educação.

As palavras “gênero” e “sexualidade” associadas à comunidade LGBT também aparecem nas respostas de estudantes como um assunto que deveria/poderia ser trabalhado durante as aulas das disciplinas anteriormente mencionadas e uma dessas respostas chama atenção pelo seu conteúdo:

*Aula sobre a conscientização sobre a realidade das peças LGBTQIA+, para tratar assuntos importantes como a marginalização de pessoas transexuais, a falta de representatividade LGBT nos livros didáticos e as consequências psicológicas que a repressão da orientação sexual pode causar. Tais assuntos poderiam ser abordados em um ciclo de discussão nas aulas de **sociologia, história e psicologia**. (F)*

Além da menção às disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação (sociologia, história e psicologia), a sigla “LGBTQIA+” também é citada para referir-se às pessoas não heterossexuais, demonstrando um conhecimento sobre tais questões tendo vista

que a sigla é universal e amplamente aceita pela maioria da comunidade²¹. Assim como a marginalização de pessoas transexuais, a falta de representatividade LGBT nos livros didáticos (lê-se *heteronormatividade* dos livros didáticos, temática já debatida no presente trabalho) e a repressão que pessoas sofrem por conta das suas orientações sexuais também foram citadas na mesma fala, remetendo ao que Louro (2013) fala sobre “Meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem.” (p. 28).

5.2 Uma formação de docentes para as questões de gênero e sexualidade na educação visando combater o bullying e promover o respeito

A última fala (F) trazida no subtópico anterior já ensaia que há estudantes que acreditam e esperam uma formação em pedagogia preocupada em combater processos de discriminações LGBTfóbicas no ambiente escolar e atenta a *heteronormatividade* enraizada na educação. Sobre isso, Louro (2013) saliente que “Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais.” (p. 29). A promoção do respeito e propostas de intervenção para combater o *bullying* LGBTfóbico nas escolas são ressaltadas como importantes dentro das questões de gênero e sexualidade na educação nas seguintes falas:

*Técnicas de ensino do respeito à sexualidade com foco em intervenção dos casos de **bullying**²², que ainda são muito frequentes diante da criação de alguns alunos. Poderia ser abordada situações de **simulação e intervenção** em diferentes cenários, ou ainda, estudar o ponto de vista de quem pratica o **bullying** para encontrar uma **intervenção**. (G)*

*Sim, como ensinar as crianças a ter **respeito** por todos. (H)*

*Como o gênero e a sexualidade influenciam no nível de aprendizado e escolaridade e como **apoiar e proteger** crianças LGBTQ+ nas escolas de nível básico. (I)*

A primeira fala diz que o curso de Pedagogia da FACED/UFC poderia tratar de técnicas de ensino que promovam o respeito às sexualidades para intervenção em casos de

²¹ Para mais informações, consultar o link: <https://www.purebreak.com.br/noticias/o-que-e-lgbtqia-descubra-o-significado-da-sigla-completa-com-o-purebreak/94600>.

²² Nesse caso, acho importante renomear o *bullying* contra pessoas LGBT em decorrência de suas não conformidades com as *heteronormas* como LGBTfobia, pois tal termo possui um cunho histórico e vai além das relações escolares.

LGBTfobia nas escolas e ainda ressalta que tal prática de discriminação são frequentes devido a criação familiar de alguns alunos; sobre essa última, a grande influência de religiões cristão-católicas (principalmente de cunho neopentecostal) no Brasil e na América Latina como um todo se mostra como um fator importante na “criação de alguns alunos” que, ao conviverem com tais crenças, acabam se apropriando de discursos conservadores retrógrados (como é o caso da “ideologia de gênero”) comumente associados à práticas religiosas.

Preocupados com esse fenômeno, Miskolci e Campana (2007) apontam três elementos comuns às diferentes nacionalidades de emergência do pânico moral da “ideologia de gênero”: “todas ocorreram a partir da virada do milênio, emergiram em países que passaram a ter governos de esquerda e deflagraram-se em torno de reformas educacionais e legais” (p. 734). Compreendendo que a luta contra a “ideologia de gênero” possui discursos amparados em bases fundamentalistas da religião católica, ela se caracteriza como “uma forma de resistência contra os recentes avanços que vêm se dando na América Latina em matéria de direitos sexuais e reprodutivos” (p. 728).

A influência que a igreja católica possui em países da América Latina desencadeou uma popularização desses discursos no Brasil nos últimos anos, amparados por grupos e movimentos políticos organizados no Congresso Nacional e em fóruns online. O ataque direto aos movimentos sociais dá-se em razão das defesas que advogam, ideias estas que são “compreendidas por grupos religiosos como incentivo a um individualismo que se chocaria com a concepção comunitária de sexualidade religiosa pautada em uma hierarquia entre homens e mulheres, assim como na centralidade da reprodução” (MILKOLCI & CAMPANA, 2007, p. 733), tendo em vista que tais movimentos

ganham relativa independência na democracia e se aproximaram mais dos governos, especialmente os que chegaram ao poder na virada do milênio, encabeçados por partidos de esquerda, a qual – historicamente – lhes foi mais favorável em termos de interlocução política e interesses comuns. (MISKOLCI & CAMPANA, 2007, p. 733)

A segunda resposta listada (H) traz que, dentro das questões de gênero e sexualidade, o curso de Pedagogia da FAGED/UFC, poderia ser trabalhado como ensinar crianças a desenvolverem o respeito pelas outras (que fogem da *heteronormatividade* na escola). Já a terceira menciona novamente a sigla LGBTQ+ e, além de repetir o discurso de outras falas sobre apoiar e proteger pessoas discriminadas por questões de gênero ou orientação sexual, julga como importante debater sobre “como o gênero e a sexualidade influenciam no nível de aprendizado e escolaridade” (I). Nessa, pode haver relação com o baixo nível de aprendizado que pessoas com representações sociais não *heteronormativas* podem apresentar ao serem

discriminadas no ambiente escolar; segundo uma pesquisa nacional ABGLT sobre o ambiente escolar em 2015, 51,9 e 58,9% de estudantes faltaram a escola no mês anterior a realização da pesquisa em decorrência de discriminações sofridas por sua orientação sexual ou identidades de gênero, mesmo 72,4 a 73,5% das mesmas pessoas ouvidas na pesquisa apresentarem notas boas ou excelente, revelando um bom desempenho escolar. (ABGLT, 2016)

5.3 Disciplinas específicas, partilha de vivências e falta de expectativas

Aqui estão as respostas que não possuem proximidade com as que foram expostas e analisadas nos subtópicos anteriores. Como adianta o título, as respostas presentes nesse subtópico apontam para a possibilidade de uma abordagem das questões de gênero e sexualidade em disciplinas específicas dos currículos do curso de Pedagogia da FAGED/UFC:

*Acho que nas disciplinas de **didática** e/ou sociologia²³, sobre como abordar a questão de gênero e sexualidade com a faixa etária que lidamos (J)*

A visão de (J) sobre a Didática no curso de Pedagogia da FAGED/UFC é que as aulas da disciplina podem abrir espaço para uma discussão metodológica, sobre como abordar as questões de gênero e sexualidade com crianças e demais estudantes da educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Segundo Pimenta (2015)

A Didática enquanto disciplina nos cursos de formação de professores se coloca como possibilidade de contribuir para que o ensino, núcleo central do trabalho docente, resulte nas aprendizagens necessárias à formação dos sujeitos, em relação, equipados para se inserirem criticamente na sociedade, com vistas a transformar as condições que geram a des-humanização. (p. 84-85)

Assim, a noção de (J), mesmo se tratando de achismo, se encaixa na definição do que é a Didática em cursos de formação docente, uma vez que discutir as questões de gênero e sexualidade na educação e na escola são cruciais para combater a misoginia, LGBTfobia e outras violências interseccionais atreladas a esses fenômenos.

Ainda sobre disciplinas específicas, há outra menção:

*Educação de gênero na **educação infantil** (K)*

A “Educação de gênero” mencionada no destaque acima é de grande importância na educação infantil, visto que ela é a primeira etapa da educação básica e a primeira separação histórica da criança com o seu vínculo familiar. Assim, a educação de gênero na educação

²³ Mesmo havendo menção à disciplina de sociologia, optei por levar em consideração a menção a outra disciplina pela palavra “sociologia” é mencionada outras vezes, como mostra o subtópico 5.1 do presente capítulo.

infantil pode ser pautada em diferentes momentos da rotina das crianças, tais como a separação entre fila de meninos e meninas na hora de se preparar para a hora da alimentação, a divisão de brinquedos por estereótipos de gênero, problematizar as histórias infantis que há muito estão pautadas em uma figura feminina que precisava ser salva por outra, sendo essas masculina, entre outros.

Além das menções às disciplinas específicas, há a ideia de que é possível o contato com pessoas que possam compartilhar vivências sobre o assunto:

Noções básicas, já seria alguma coisa, mas o ideal seria o contato com pessoa que pudessem compartilhar vivências. (L)

Com “contato com pessoas que pudessem compartilhar vivências” compreendo que se trata tanto de docentes da escola básica que abordam questões de gênero e sexualidade em suas aulas como pessoas que compartilhem vivências enquanto estudantes que, em sua trajetória escolar básica, tiveram experiências pessoais ou coletivas sobre gênero e sexualidade (LGBTfobia, misoginia, violência de gênero etc.). Ambas as situações podem gerar discussões e reflexões entre estudantes do curso de Pedagogia da FACED/UFC, implicando diretamente em suas práticas docentes.

Ademais, também há em uma das respostas a preocupação sobre uma possível inexistência de discussões sobre gênero e sexualidade na educação dentro do curso de Pedagogia aqui analisado:

*Não. Mas eu acho que poderiam falar em **todas as disciplinas** como algo complementar, falando sobre como os assuntos de gênero e sexualidade se encaixam na educação, mas eu acho que vai ser difícil porque eu já olhei o currículo lattes de todos os professores e não vi nenhum especialista nessa área. (M)*

Com as possibilidades apresentadas por estudantes nos dados da presente pesquisa, continuo a compartilhar do mesmo sentimento de (M) ao analisar o currículo de docentes do curso de Pedagogia da FACED/UFC e constatar que não há docentes que possuem em seus títulos de mestres e doutores pesquisas sobre as questões de gênero e sexualidade na educação, especificamente.

Mesmo o capítulo anterior (sobre os dados quantitativos da pesquisa) mostrar que 15 de 20 estudantes marcaram a opção que corresponde a disciplina de Educação Popular e de Jovens e Adultos quando a resposta deveria ser sobre quais áreas e disciplinas do curso de Pedagogia da FACED/UFC as questões de gênero e sexualidade podem ser abordadas, não há qualquer menção disciplina citada, reforçando a tese de que há, entre estudantes que marcaram essa opção, um entendimento equivocado do conceito de Educação Popular.

6 GÊNERO E SEXUALIDADE NO CURSO DE PEDAGOGIA/UFC: UM POTENCIAL POUCO APROVEITADO

O capítulo anterior que, assim como esse, diz sobre a análise dos dados colhidos da presente pesquisa, tratou das narrativas trazidas por estudantes do primeiro semestre do curso de Pedagogia da FACED/UFC mostrando suas crenças, expectativas e ideias sobre o trato das questões de gênero e sexualidade no curso que estão cursando. No presente capítulo estão os dados que correspondem as respostas de estudantes do último semestre do curso sobre o trato das questões de gênero e sexualidade da educação a partir de suas experiências enquanto discentes.

Buscando por uma resposta dissertativa, a pergunta direcionada foi “Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que foi abordado durante o curso? Se sim, como esse tema foi abordado e em quais áreas/disciplinas? Se não, em quais áreas/disciplinas o assunto poderia ter sido abordado e de que forma?”. Assim, apenas uma pessoa respondeu com um a palavra “Não”. Com isso, aqui está a primeira resposta destacada:

Creio que o assunto não foi abordado de forma direta, mas apenas indiretamente. Na minha visão é um assunto que não deve ser abordado porque não cabe à universidade instruir, incentivar, ou significar o gênero ou sexualidade de ninguém. A meu ver, a única coisa que deveria ser ensinada é o respeito pela pessoa enquanto ser humano, independente do gênero, sexualidade, raça e outras questões. (I)

A citação destacada acima ilustra uma narrativa decorrente do pânico moral sobre as questões de gênero e sexualidade no Brasil (pauta discutida no primeiro capítulo) pondo pessoas ou órgãos que se propõem a discutir tais questões como “incentivadoras da homossexualidade”, pois há o medo de que “a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que as/os jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas.” (BRITZMAN, 1996, p. 19). Mesmo o relato acima sendo o único destoante dos demais apresentados na presente pesquisa, a fala representa as pessoas que possuem o mesmo pensamento na FACED/UFC.

6.1 Algumas discussões nas disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação

No capítulo anterior, estudantes do primeiro semestre apontaram para a sociologia, filosofia e psicologia (áreas com disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação da FACED/UFC) como uma possibilidade para abordar questões de gênero e sexualidade no

curso. Entre estudantes do último semestre, a mesma área aparece como sugestão para tratar do tema, mesmo sem terem presenciado tais discussões durante o curso:

Não. Acho que seria importante tratar o tema nas disciplinas de psicologia, filosofia e sociologia. Inclusive na de didática, ensino de ciências, educação infantil, estágios. Acho importante discutir a temática uma vez que prezamos pelo conhecimento do eu e do outro e as questões de gênero fazem parte disso. O mesmo com a sexualidade q tentamos tirar do ensino castrando o nosso conhecimento e o das crianças, tirando a do patamar natural inerente ao ser humano e colocando como algo ruim e vergonhoso. (2)

Não. Sinceramente, não sei bem qual disciplina, mas creio que as disciplinas de fundamentos da educação deveriam apresentar essa questão. (3)

Não, acredito que eles poderiam ser abordados nos primeiros semestres nas disciplinas de psicologia, filosofia e sociologia, além nas disciplinas de didática, política educacional, estrutura e funcionamento de educação básica e, principalmente, nos estágios. É possível que o assunto apareceu durante a discussão em alguma dessas disciplinas listadas, porém, foi tão esporádico que não foi esclarecedor para ser recordado por mim. (4)

As falas acima dialogam com os apontamentos feitos por estudantes do primeiro semestre do curso que veem potencial nas áreas de sociologia, filosofia e psicologia para discutir questões de gênero e sexualidade na educação. Além disso, ao indicar outras disciplinas, (como didática, ensino de ciências, educação infantil e estágios supervisionados) estudante (2) demonstra consciência da importância dessas discussões na sociedade atual em que tais assuntos são discriminados colocando a sexualidade humana como “algo ruim e vergonhoso”, como dito na resposta. A terceira fala listada também traz as disciplinas de fundamentos da educação como uma possibilidade.

A fala de (4), mesmo informando que existe a possibilidade de o assunto ter aparecido em alguma disciplina, mas de forma esporádica resultando em uma não compreensão e falta de lembrança, acusa que tais discussões podem ocorrer apenas de forma eventual. Aqui cabe reforçar uma fala dita entre estudantes do primeiro semestre do curso, analisadas no capítulo anterior, onde aparece uma preocupação sobre como as questões de gênero e sexualidade podem aparecer durante o curso, já que não há docentes com formação *stricto sensu* de pesquisa nessas questões.

Não. Acredito que poderia ter sido abordado na disciplina de Educação infantil ou de Psicologia a forma como devemos lidar cotidianamente com questões de indícios de transexualidade enquanto ainda criança, pois sinto que nem as famílias e tampouco professores e escolas sabem como agir. (5)

Nesse sentido, é visível que as falas destacadas acima dialogam com as ideias e crenças de estudantes do primeiro semestre ao pôr a psicologia, filosofia e sociologia como

potências das ciências humanas para abordar as questões de gênero e sexualidade na educação. Entretanto, estudantes do último semestre relatam não terem presenciado discussões específicas sobre esse tema. Não há menção alguma a textos, seminários, rodas de conversas ou qualquer outro espaço formativo que tenha tratado do assunto aqui discutido. O lugar de potência no curso de Pedagogia da FAGED/UFC, segundo estudantes, permanece subutilizado pois não dá a devida atenção às questões de gênero e sexualidade na educação.

6.2 A questão do “Tio”

Guacira Lopes Louro em sua obra “Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista” dedica um capítulo à historicização da mulher no magistério; a autora conta que seu interesse pelas questões de gênero e sexualidade na educação deu-se por questionamentos de suas alunas do curso de Pedagogia (segundo ela, eram praticamente todas do sexo feminino)

A massiva presença de mulheres nos cursos de Pedagogia (92,2%, de acordo com dados de 2017 e já discutidos na presente pesquisa) é constantemente lembrada, mas poucas vezes debatidas, em sala de aula nas disciplinas do curso de Pedagogia da FAGED/UFC. Por ser visível e quase sempre lembrada, a realidade problemática foi mencionada em falas de estudantes e estão elencadas abaixo:

A pouca presença do professor homem (cis) na educação infantil foi um assunto comentado. Abordado na disciplina de Educação Infantil, no entanto, de forma superficial. Tendo maior ênfase, na questão de a mulher ser vista como mais adequada a função. Logo, a discussão tem sido mais focalizada no gênero feminino (mulher cis) e a relação de subalternidade da classe de profissionais que trabalham com a primeira infância. (6)

O homem como Professor de educação infantil (que é quase um tanto, principalmente no que diz respeito às ações de cuidado). Vi esse assunto em várias disciplinas e em algumas reuniões de bolsa de pesquisa. (7)

A fala de (6) aponta que as discussões que envolvem esse tema em específico são voltadas para o gênero feminino como essa classe é subalternizada na profissão e foram abordadas na disciplina de Educação Infantil. Como pesquisador, compartilho do mesmo relato pois presenciei essa discussão na mesma disciplina e, salve engano, houve um seminário apresentado por estudantes que envolvia essa questão. Já a fala (7) relata que o assunto foi lembrado em várias disciplinas e em uma reunião de bolsa, mas infelizmente não houve menção ao nome do projeto onde o assunto fora mencionado e debatido, tampouco a metodologia utilizada para tanto.

O termo “divisão sexual do trabalho” debatido por Hirata e Kergoat (2007) traz

alguns subsídios para essa discussão pois trata de analisar como essa divisão causa uma distribuição desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho, causando uma hierarquização de atividades. No caso da docência, quanto menor a idade do público-alvo na educação básica, menor é o salário e a presença masculina nesses espaços.

6.3 É para ser abordado em qualquer disciplina!

Se comparada com a visão de estudantes do primeiro semestre sobre as questões de gênero e sexualidade na FAGED/UFC, estudantes que cursam o último semestre do curso, com a experiência adquirida durante os anos de graduação, parecem ter respostas mais elaboradas e com uma visão ampla das possibilidades que um currículo de formação docente inicial pode oferecer. Um exemplo disso está em falas que apontam para uma abordagem interdisciplinar das questões de gênero e sexualidade na educação:

Acredito que em todas as áreas do curso essa temática poderia ser mais bem articulada, visto que estamos em construção para uma profissão que nos pede esse conhecimento e uma forma correta de abordar o tema. (8)

Não. Acredito que deveria ser abordado em todas as áreas, pois é um assunto sério e que precisa de diálogo entre nós que seremos futuros professores e desta forma poderemos saber nos posicionar diante de nossos futuros alunos. (9)

Não. Acredito que este tema deveria atravessar toda nossa formação docente visto que é um assunto pouco discutido e por vezes desconhecido da maioria dos estudantes. (10)

Não. Eram apenas conversas quando alguém tocava no assunto, mas muito superficial. Deveria ser abordada em qualquer disciplina, pois estamos entre adultos e é necessário ser abordado em pelo menos uma aula em cada disciplina. (11)

Não, mas acredito que poderiam ser tratados em qualquer disciplina. (12)

A justificativa de (8), dizendo que a profissão docente requer esse conhecimento para uma forma correta de abordar o tema, e a de (9) ao afirmar que é necessário para se posicionar com futuros alunos apontam para uma perspectiva formativa; nesses casos, as questões de gênero e sexualidade abordadas dentro do currículo seriam base para posicionamentos em sala de aula.

Entretanto, é importante ressaltar que apesar da ausência de formação para as questões de gênero e sexualidade na educação, a profissão docente é comprometida com o respeito aos direitos humanos e da criança e do adolescente e, por isso, docentes e a comunidade escolar como um todo devem se posicionar contra agressões, preconceitos e

discriminações, sem necessariamente terem conhecimento do que se trata a sigla LGBT, por exemplo. Ainda assim, as posições mencionadas são válidas visto que abordar questões de gênero e sexualidade em um curso de Pedagogia é dar base teórico-metodológica para enfrentar discriminações que pessoas LGBT sofrem diariamente e que já foram discutidas no presente trabalho.

A resposta de (10), afirmando que a temática é desconhecida à maioria de estudantes e que por isso deveria ser atravessada por toda a formação, dialoga com as demais (11 e 12) pois ambas apontam que as questões estudadas na presente pesquisa devem estar em todas as disciplinas, em pelo menos uma aula. Mesmo entre diferentes justificativas, as respostas destacadas acima apresentam o mesmo conteúdo; todas dizem que, apesar da inexistência de assuntos referente às questões de gênero e sexualidade na FACED/UFC, estudantes que elaboraram as respostas acima dizem que tais assuntos poderiam ser abordados em quaisquer áreas ou disciplinas dentro do currículo.

6.4 Discussões? Sim! Porém...

Como já mencionado anteriormente, estudantes do último semestre parecem ter uma visão mais ampla sobre essas questões quando comparados à ingressantes recentes no curso. Quando a pergunta se referia à onde/como/se as questões de gênero e sexualidade foram abordadas na FACED/UFC, as respostas parecem mais elaboradas e algumas consistem em relatos detalhados:

O tema foi debatido de forma superficial/transversal em inúmeras disciplinas no decorrer de minha formação sempre a partir de questões suscitadas pelos próprios alunos e não proposto pelo professor, inclusive a discussão mais efetiva acerca de questões ligadas à gênero e sexualidade, aconteceu justamente na apresentação de uma equipe que aproveitou a oportunidade de ter um seminário de tema livre e resolveram abordar esse tema de forma mais profunda inclusive trazendo convidados com experiência de causa/vida sobre o assunto. (13)

Não teve nenhuma temática específica, apenas citações de exemplos para serem naturalizados/respeitados em relação a raça, etnia, gênero, orientação sexual... nada aprofundado (e sempre levantado pelos alunos). (14)

Ambos os relatos acima mostram que, apesar das questões de gênero e sexualidade terem existido na graduação, as discussões foram promovidas por estudantes em momentos em que havia autonomia para tanto, como é o caso do relato de (13), que presenciou a discussão em um seminário com tema de livre escolha. Além disso, a menção de que houve a presença de pessoas convidadas para compartilhar vivências mostra como tais estudantes estão preocupados com essas questões. A resposta trazida por (14) só reforça que as

discussões ocorridas também tiveram estudantes como responsáveis.

A resposta seguinte traz uma especificidade intrínseca:

De forma específica, o tema só foi abordado (que eu lembre) uma vez na disciplina de Educação no Ceará, mas dentro de uma discussão sobre diversidades. Acredito que todas as disciplinas podem abrir espaço para a discussão já que as questões de gênero e sexualidade fazem parte da vida das pessoas e do cotidiano escolar, e, portanto, deveria ser trabalho na graduação. (15)

A disciplina mencionada, Educação no Ceará, é comumente ministrada nos últimos semestres por uma professora conhecida por propor muitos seminários e estimular a ida de pessoas a suas aulas para compartilhar experiências sobre temas específicos. Certa vez, uma discente dessa mesma disciplina me contactou para falar sobre educação e diversidade durante uma aula, a pedido da professora, e assim o fiz. Acredito que o relato de (15) esteja ligado a essa situação em específico, sendo a única vez em que tais questões foram presenciadas por tal estudante.

6.5 Relatos de discussões em disciplinas específicas

Sendo esse o último subtópico desse capítulo de análise dos dados da pesquisa, optei por trazer relatos de estudantes que mencionaram nome de disciplinas específicas quando perguntados onde/como/se as questões de gênero foram abordadas durante o curso. Entretanto, apenas uma resposta diz que tais questões não foram abordadas, mas ainda assim aponta a disciplina de Didática como uma possibilidade visto que, segundo a resposta, livros didáticos trazem instruções diferentes direcionadas a meninos e meninas, argumento esse com base teórica discutida anteriormente na presente pesquisa:

*Não, poderia ter sido abordado em **didática**. Já que existem muitas instruções, principalmente em livros, que direciona para meninos ou meninas. (16)*

Todas as respostas seguintes dizem que sim, a temática estudada aqui foi discutida em alguma disciplina específica do curso de Pedagogia da FACED/UFC:

*Na disciplina de **formação intercultural** houve um debate sobre gênero e sexualidade com uma convidada. (17)*

A disciplina Formação Intercultural vem sendo ministradas pelo professor Ronaldo de Sousa Almeida, que também é o orientador da presente monografia. Apesar de não possuir formação de pós-graduação *stricto sensu* em temas específicos que envolvam questões de gênero e sexualidade na educação, o docente é conhecido pelo seu interesse nesses debates, sempre trazendo para suas aulas textos, seminários e pessoas convidadas para discutir tais

temas.

Além disso, a disciplina mencionada acima foi citada na fundamentação teórica desta pesquisa como uma das poucas que trazem em sua bibliografia textos sobre as questões discutidas aqui, sendo um desses utilizados como base teórica para a realização da presente pesquisa.

Outras duas disciplinas (optativas) foram mencionadas, mas em circunstâncias diferentes:

*A temática foi mencionada de forma rasa na disciplina de **Educação Infantil** e em seu **Estágio Supervisionado**, especificamente sobre a questão das cores e do brinquedo, estes que, socialmente, são fortemente classificados como sendo de "Meninas" "meninos". Entretanto, compreendo que essa discussão ainda que importante, não comporta a real necessidade de seu aprofundamento na formação docente, uma vez que, **professores ainda produzem através de suas práticas pedagógicas, práticas limitadas e sexistas existentes na sociedade**. Acredito que a formação do docente deveria ter uma responsabilidade mais ativa na questão de Gênero e Sexualidade, pois nós, educadores em formação, temos grande responsabilidade na formação das identidades sociais de seus alunos. Uma educação pautada no diálogo, na atenção constante à criança e ao estabelecimento de um vínculo de confiança; no ensinar sobre privacidade, o respeito ao corpo e limites; no esclarecimento de suas curiosidades, são essenciais para orientar e proteger de nossas crianças. **A educação de gênero e sexualidade que a ala ultraconservadora tanto teme, é, na verdade, uma das formas mais eficazes de enfrentamento da violência sexual e discriminações, e de formação crítica e humana.** (18)*

As disciplinas de Educação Infantil e Estágio Supervisionado são correlacionadas pois há, no curso de Pedagogia da FACED/UFC, um estágio supervisionado voltado para a área de Educação Infantil. Sabendo que essa área se trata da primeira etapa da educação básica e sua obrigatoriedade se dá para crianças de 3 a 5 anos, discutir os sexismos que envolvam os brinquedos que são direcionados a meninos (carros e bonecos) e a meninas (bonecas, serviços domésticos ou brinquedos ligados a questões estéticas). Após um longo relato, a fala acima ainda ressalta a importância que discutir gênero e sexualidade tem para o enfrentamento da violência sexual, tema discutido por Saavedra e Machado (2012).

*Em **Educação dos Direitos humanos**, com a professora Ercilia. Foi abordado uma discussão sobre a temática mais relacionado ao casamento homoafetivo, houve texto base, e seminário sobre o tema, mas no geral ficou a impressão de imparcialidade, **a discussão foi rasa**. Na cadeira de **formação intercultural** houve um estudo um pouco mais aprofundado, a discussão era frequente em diferentes aulas, houve textos base, assim como foi convidada uma pesquisadora da área para apresentar temática. Foi abordado a diferenciação entre sexo, sexualidade e gênero, o preconceito que envolve todas elas, principalmente com pessoas trans. A meu ver, foi trabalhado o básico da temática, não foram muitos assuntos relacionados a*

temática, mas foi bem debatido, e fundamental para tirar dúvidas. No mais, existem comentários bem rasos em relação a temática ao longo do curso, mas geralmente mais parecem uma reprodução do senso comum, infelizmente já presenciei comentários homofóbico em forma de "piada" por professores e estudantes do curso durante as aulas. É um tema ainda pouco conhecido e discutindo na faculdade de educação, o que é inadmissível visto se tratar de uma faculdade de educação. (19)

A outra disciplina mencionada é Educação em Direitos Humanos, ministrada na época pela professora Ercília segundo o relato. Na situação em questão houve um debate sobre o casamento homoafetivo, com texto base e seminário sobre o tema. A fala aponta que o debate foi raso e houve uma impressão de imparcialidade sobre o assunto. Com isso, a percepção é que o debate não foi conduzido, tanto pela professora como por estudantes responsáveis pelo seminário, de forma a estimular mais discussões entre demais discentes. Assim, é necessário um debate aprofundado sobre as questões de gênero e sexualidade na educação nas disciplinas da FACED/UFC, ocorrido na disciplina Formação Intercultural segundo o mesmo relato, sendo fundamental para tirar dúvidas e gerar debates.

A reprodução do senso comum e a propagação da LGBTfobia recreativa²⁴ por parte de docentes e discentes da FACED/UFC trazidas no relato acima, além de intoleráveis em um ambiente acadêmico de formação docente, sintetizam toda a pesquisa, desde sua fundamentação teórico-metodológica com a análise dos dados; os assuntos referentes às questões de gênero e sexualidade na educação na FACED/UFC são poucas vezes abordados e quando o são, ora carecem de aprofundamento, ora são estudantes as figuras responsáveis por trazerem esses assuntos para debate. Assim, sobra espaço para a reprodução do senso comum e para a LGBTfobia, que de velada nada tem.

²⁴ A expressão “LGBTfobia recreativa” escolhida para ser utilizada aqui diz respeito as piadas naturalizadas que essas pessoas escutam cotidianamente em diferentes espaços, nesse caso a academia. As piadas possuem o propósito de afirmar que essas pessoas são inferiores e que devem ocupar um lugar subalterno na sociedade. No Brasil, é comum aceitar formas de preconceitos disfarçadas de humor; misoginia, LGBTfobia, xenofobia, racismo, entre outras. Sobre esse último, consultar a obra “Racismo recreativo”, de Adilson Moreira.

7 ALGUMAS CONCLUSÕES

Nos momentos em que falar da minha pesquisa era preciso e/ou solicitado, colegas, amigos e amigas da FACED/UFC sempre ficavam intrigados com o tema e diziam que era “a minha cara”, com uma expressão positiva e acolhedora. Como as questões de gênero e sexualidade na educação me acompanharam por toda minha trajetória escolar — em piadas, confrontos em sala de aula com docentes ou outros estudantes ou momentos de questionamentos em provas e trabalhos —, entrei na Universidade com um olhar atento a elas e, inesperadamente, piadas e confrontos fizeram parte também da minha trajetória universitária.

Quando entrei em contato com as pessoas pelo grupo do *WhatsApp*, não houve qualquer estranhamento ou recusa em participar da pesquisa, mesmo eu deixando explícito que se tratava de estudo sobre questões de gênero e sexualidade na educação — tema ainda considerado polêmico no Brasil atual. A facilidade para contactar essas pessoas e o tão esperado “sim, eu posso participar” me pareceu uma validação, como se a pesquisa tivesse obrigação de se concretizar no presente momento de sua elaboração. Em razão da atual conjuntura de pandemia que atravessamos, não foi possível ter elaborado uma entrevista semiestruturada que me proporcionasse dirigir melhor as perguntas, captar com mais profundidade as reações das pessoas frente às questões apresentadas, o que certamente iria enriquecer ainda mais a pesquisa.

Este estudo, cujo objetivo era analisar os distanciamentos e aproximações das questões de gênero e sexualidade na FACED/UFC na formação de estudantes, teve seu início já com algumas hipóteses. Em relação ao perfil de estudantes, não esperava que houvesse uma pessoa sequer que se identificasse como “agênero”, devido ao termo ser ainda desconhecido e apenas difundido em redes sociais, principalmente entre pessoas em idade escolar não universitária, revelando-se uma grata surpresa. Outra hipótese inicial levantada dizia respeito a dificuldade em encontrar uma parcela significativa de pessoas do gênero masculino, por se tratar de um curso de Pedagogia composto majoritariamente por mulheres. Eis que a pesquisa nos surpreende; lembrei que a turma de Pedagogia do turno vespertino-noturno (a qual orgulhosamente faço parte) possui pelo menos 10 homens se levado em conta sua formação inicial lá no segundo semestre do ano de 2016.

Faz-se necessário ressaltar que, apesar da pesquisa ter sido realizada apenas com 20 estudantes do primeiro semestre e 20 estudantes do último semestre do curso de Pedagogia da FACED/UFC, os resultados aqui analisados partem de dados reais e, juntamente com minha experiência enquanto aluno do curso, nos autorizam a afirmar a incidência muito baixa

relativa à abordagem das questões de gênero e sexualidade no universo da formação inicial docente.

O ano é 2020; as discussões sobre gênero e sexualidade estão “na crista da onda” e arrisco dizer que estudantes ingressantes no curso com idades entre 17 e 23 anos (representando 19 das 20 pessoas matriculadas no primeiro semestre que responderam à pesquisa) vêm acompanhando tais embates nas mídias, na televisão, em redes sociais e em alguns casos, no ambiente escolar, seja uma proposição da escola ou entre conversas e iniciativas paralelas ao currículo. O fato de apenas 1 de 20 pessoas não acreditar que as questões estudadas nesta pesquisa não serão abordadas no curso e as expectativas dessas mesmas pessoas serem majoritariamente média e alta sobre apreciar discussões referentes as pautas de gênero e sexualidade na educação refletem tal percepção. No geral, estudantes do primeiro semestre parecem compreender que a Universidade possui um papel importante frente a isso.

No que diz respeito as áreas e disciplinas em que tais discussões podem aparecer, estudantes recém ingressos no curso parecem marcar a opção “Educação Popular e de Jovens e Adultos” com uma ideia errônea do que se trata o termo “Educação Popular”, visto que ele não possui relação direta com assuntos sobre gênero e sexualidade na educação. No mais, as disciplinas mencionadas como possibilidade para se abordar o tema não causaram espanto e 1 pessoa diz conhecer um grupo de estudos/pesquisa ou atividade de extensão que tenha como tema central as questões de gênero e sexualidade na educação.

Em contrapartida, estudantes do último semestre participantes da pesquisa dizem não conhecer quaisquer grupos de estudos, pesquisa ou atividade de extensão que tenha como foco assuntos sobre gênero e sexualidade na educação; essa diferenciação de respostas entre ambos os tipos de público alvo da pesquisa aponta que, informações sobre o grupo de pesquisa existente (que eu suponho ser o do PET, focado em relações de gênero) não chegou até essas pessoas, mas somente a estudantes do primeiro semestre, visto que tais possuem uma semana de acolhimento e apresentação dos projetos existentes na FACED/UFC.

As disciplinas do Departamento de Fundamentos da Educação, tendo aparecido tanto nas respostas de estudantes do primeiro semestre como do último, demonstram o potencial que as Ciências Humanas possuem, mas que nem sempre é aproveitado. Assim, o fato de apenas três disciplinas optativas (Formação Intercultural, Educação em Direitos Humanos e Educação no Ceará) e nenhuma disciplina obrigatória aparecem nos relatos de experiência de estudantes do último semestre, aponta para uma falta de planejamento e preocupação por parte de docentes que, ao não utilizar sua autonomia para trazer essas discursos dentro e fora

da sala de aula, acabam não aproveitando o potencial que a Pedagogia possui em abordar as questões de gênero e sexualidade na educação, como mostra o levantamento feito com estudantes do primeiro semestre.

Entretanto, a partir do segundo semestre do ano letivo de 2020, a FACED/UFC conta com uma disciplina optativa em sua grada denominada “Gênero, sexualidade, feminismos e interseccionalidade na educação”, idealizada por Ronaldo de Sousa Almeida e Sandra Haydée Petit, ambos docentes do Departamento de Estudos Especializados. O componente curricular é um avanço para as discussões sobre gênero e sexualidade na educação visto que seu objetivo é debater como opressões de gênero, raça, sexualidade, classe, entre outras, estão presente na educação e na escola.

Os comentários homofóbicos e as discussões rasas que ocorreram durante a trajetória de estudantes do último semestre são, de certa forma, decepcionantes. Docentes e discentes de um curso e Pedagogia que reproduzem a LGBTfobia recreativa (consciente ou inconscientemente) e/ou abordam essas questões com base no senso comum (que impera na sociedade e nas escolas) são um reflexo da falta de discussões rigorosas que essa pauta carece merece.

A sociedade brasileira, em geral, é *heteronormativa*. Ao reproduzir discursos inebriados em senso comum, persistem em colocar grupos subalternizados à margem das discussões sobre direitos sociais. Não basta apenas compreender que determinados grupos estão à margem da sociedade; é necessário refletir os mecanismos (ideológicos, educacionais, culturais, sociais) que os sustentam nesse lugar. Discutir as causas e as consequências que isso traz para então pensar em saídas para as situações em que esses grupos historicamente discriminados são submetidos. Visto que tais situações de opressão atravessam o ambiente escolar e nele se reproduzem e se intensificam, é urgente que a formação em Pedagogia aborde em seu currículo suas causas e consequências para crianças, jovens e adultos.

Se Paulo Freire diz que não basta aprender a ler a frase “Eva viu a uva”, mas sim compreender quem é Eva, de onde vem a uva que a alimentou e quem lucra com isso, uma formação docente inicial preocupada com as questões de gênero e sexualidade na educação deve discutir quem são as pessoas que lucram e se beneficiam com a ausência destas discussões, quais grupos são prejudicados e como agir diante de situações de opressão no ambiente escolar. Um olhar atento e sensível, fruto de uma formação crítica, nos ajudará a perceber que a *heteronormatividade* no cotidiano escolar se apresenta de diversas formas, a saber: por meio de piadas e brincadeiras; na divisão sexista de brinquedos e brincadeiras; nos

materiais didáticos; na massiva presença de professoras na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e, não por acaso, nos baixos salários designados a essa classe.

No mais, fica a percepção de que a FAGED/UFC nega e ignora — provavelmente nega porque ignora — as discussões sobre gênero e sexualidade na educação. Não há, até a escrita do presente trabalho, um planejamento visando a inserção destes assuntos (e de outros considerados “transversais” como raça e etnia) em seu currículo. Assim, fica a cargo de cada docente discutir ou não essas questões em sala de aula e isso ocorre de esporadicamente e de forma rasa, como mostra os dados da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP; Pólem, 2019. 150p.

Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BETIM, Felipe. **As vozes da pequena grande batalha do Sesc Pompeia**. Edição Brasileira do Jornal EL PAÍS. 07 nov. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html. Acesso em: 03 set. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) - Educação é a Base**. Brasília, DF, Ministério da Educação (MEC). 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior 2017**. Brasília, DF, 2017.

BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada amor**: identidade homossexual, educação e currículo. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan/jun 1996.

BUTLER, Judith. **Bodies That Matter**: On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.

CANDIANI, Heci Regina. **O que pode ser criticado nas críticas a O Segundo Sexo**. CADERNOS PAGU, v. s/v, p. e19560, 2019.

CARNEIRO, Júlia Dias. **'Queermuseu'**: a exposição mais debatida e menos vista dos últimos anos, reabre no Rio. BBC News Brasil no Rio de Janeiro. 16 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>. Acesso em: 03 set. 2020.

CARVALHAR, D. L. **Relações de gênero no currículo da educação infantil**: a produção das identidades de princesas, heróis e sapos. Orientador: Marlucy Alves Paraíso. 2009. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/HJPB-84ZRF5>. Acesso em: 2 jul. 2020.

CÉSAR, M. R. A.; DUARTE, A. M.; SIERRA, J. C. **Governamentalização do Estado, movimentos LGBT e escola**: capturas e resistências. Educação (PUCRS. Impresso), v. 36, p.192-200, 2013.

CIRINO, Oscar. **O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault**. Mental, Barbacena, v. 5, n. 8, p. 77-89, jun. 2007

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics: the creation of mods and rockers**. London: MacGibbon and Kee, 1972.

COLETTA, Ricardo Della. **Bolsonaro mentiu ao falar sobre livro de educação sexual no Jornal Nacional**. Edição Brasil do Jornal EL PAÍS. 29 ago. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html. Acesso em: 29 mai. 2020.

Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual**. Brasília, DF, 2004.

DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista (Impresso). v. 39, p. 39-50, 2011.

FACCHINI, R.. **Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico**. Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP), Campinas, v. 10, n.18/19, p. 79-123, 2003.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO, UFC. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia Diurno**. Fortaleza, CE, 2013. Disponível em: <https://faced.ufc.br/wp-content/uploads/2018/09/versao-final-de-31-jan-2014-ppc-pedagogia-jan2014-1.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020.

FERREIRA, Paula. **MEC intervém e universidade federal suspende vestibular para trans, diz Bolsonaro**. O GLOBO. 16 de jul. de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/mec-intervem-universidade-federal-suspende-vestibular-para-trans-diz-bolsonaro-23811955>. Acesso em: 19 de set. de 2019.

FERREIRA, P.; MARIZ, Renata. **CNE retira gênero e orientação sexual da Base Curricular**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 12 dez. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/cne-retira-genero-orientacao-sexual-da-base-curricular-22179063>. Acesso em: 2 jul. 2020.

FIDELIS, Guadêncio. **Queermuseu e o enfrentamento ao fascismo e do fundamentalismo no Brasil em defesa da livre produção de conhecimento**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 417-423, jan/jul, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução: Joice Elias Costa. 3.ed. Porto Alegre: Artemed, 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolho. **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul: UFRGS; 2009.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Antropologia em Primeira Mão, Florianópolis, p. 1-18, 1998.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007

JORNAL FOLHA DE S.PAULO. **Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil.** 19 nov. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 03 set. 2020.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico.** Revista Espaço do Currículo (Online), v. 2, p. 208-230, 2010.

LARROSSA, J. **Imagens do outro.** Petrópolis: VOZES, 1998.

LOIOLA, L.P. sexualidade, gênero e diversidade sexual. In: LOIOLA. **Desatando Nós: fundamentos para a práxis educativa sobre gênero e diversidade sexual**, Fortaleza: Edições UFC, 2009.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e poder. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**, Petrópolis; Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 3.ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 07-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.

MACHADO, C. **Pânico Moral: Para uma Revisão do Conceito.** Interações: Sociedade e as novas modernidades, v. 4, n. 7, 31 out. 2004.

MENDONÇA, Heolísa. **Queermuseu: o dia que a intolerância pegou uma exposição para Cristo.** Edição Brasileira do Jornal El País. 13 set. 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em: 02 set. 2020.

MISKOLCI, Richard. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias (UFRGS. Impresso), v. 21, p. 150-182, 2009.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. **“Ideologia de Gênero”:** notas para a genealogia de um pânico sexual contemporâneo. Sociedade e Estado, v. 32, p. 725-747, 2017.

MISKOLCI, Richard. **Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”.** CADERNOS PAGU, p. 1-14, 2018.

_____. O protagonismo da Didática nos cursos de licenciatura: a Didática como campo disciplinar. In: MARIN, Alda Junqueira; PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Didática: teoria e pesquisa.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2015. p. 81-98.

OLIVEIRA, Rosana M.; DINIZ, Debora. **Materiais didáticos escolares e injustiça epistêmica: sobre o marco heteronormativo.** Educação e Realidade, v. 39, p. 241-256, 2014.

PACHECO, E. F. H. **Aspectos históricos das teorias do currículo.** In: XIII congresso Nacional de Educação EDUCERE, IV SIRSSE, VI SIPD, Cátedra UNESCO, 2017, Curitiba.

QUINALHA, Renan. **Os direitos LGBT sob o governo Bolsonaro**. Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, 31 de maio de 2019. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/os-direitos-lgbt-sob-o-governo-bolsonaro/>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

SAAVEDRA, Rosa; MACHADO, Carla. **Violência nas relações de namoro entre adolescentes**: avaliação do impacto de um programa de sensibilização e informação em contexto escolar. Aná. Psicológica, Lisboa, v. 30, n. 1-2, p. 109-130, jan. 2012.

SACRAMENTO, Igor; SANTOS, A. **A revisão da noção de pânico moral nos Estudos Culturais**: hegemonia, cultura midiática e representação. Parágrafo: Revista Científica de Comunicação Social da FIAM-FAAM, v. 7, p. 31-47, 2020.

SANTANDER BRASIL. **Nota sobre a exposição Queermuseu**. Facebook, 10 set. 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Educação escolar, currículo e sociedade**: o problema da Base Nacional Comum Curricular. Movimento-Revista de Educação, v. 3, p. 54-84, 2016.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. In: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

SOUZA, L. O.; BERNADINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Educere et Educare. v. 6, n 12. jul/dez. 2011.

SEMIS, L. **"Gênero" e "orientação sexual" têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil. Por que isso é ruim?**. Nova Escola, São Paulo, 11 abr. 2017. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>. Acesso em: 02 jul. 2020.

APÊNDICE A – INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS
FORMULÁRIO PARA ESTUDANTES DO PRIMEIRO SEMESTRE

Levantamento sobre as questões de gênero e sexualidade na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC).

Você está sendo convidado/a por Orleans Alves Parente, estudante do curso de Pedagogia da FACED-UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida, como participante de uma pesquisa sobre as questões de gênero e sexualidade na FACED-UFC. Você não deve participar contra sua vontade.

***Obrigatório**

1. Sobre a pesquisa em si, você está ciente que: os dados colhidos serão usados somente para fins didáticos e/ou de pesquisa – essa ou outras pesquisas futuras; os resultados desta pesquisa serão publicados e/ou apresentados em artigos, em revistas especializadas, em congressos científicos, contribuindo para o fortalecimento e ampliação de conhecimentos sobre as questões de gênero e sexualidade na formação de professores e não receberá nenhum pagamento e nem deve realizar nenhum pagamento para participar da pesquisa? *

Marque todas que se aplicam.

Sim

2. Ao selecionar a opção abaixo você concorda ser estudante do primeiro semestre de um dos cursos de Pedagogia da FACED-UFC (diurno ou vespertino-noturno) com matrícula ativa. *

Marque todas que se aplicam.

Concordo

3. Qual sua idade? (apenas números) *

4. Como você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Homem
- Mulher
- Pessoa não-binária
- Agênero
- Outro: _____

5. Qual o turno da sua matrícula? *

Marcar apenas uma oval.

- Diurno
- Vespertino-noturno

6. Você acredita que as questões de gênero e sexualidade na educação serão abordadas em alguma disciplina do curso? (pode marcar duas opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Sim, em pelo menos uma disciplina obrigatória
- Sim, em pelo menos uma disciplina optativa
- Não

7. Qual sua expectativa em relação ao trato das questões de gênero e sexualidade na educação no ensino, pesquisa e extensão do curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Não tenho expectativa
- Muito baixa
- Baixa
- Média
- Alta
- Muito alta

8. Em quais áreas do curso você acredita que as questões de gênero e sexualidade na educação serão abordadas? (pode marcar mais de uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- Fundamentos da Educação (psicologia, sociologia, filosofia e antropologia da educação)
- Educação Infantil
- Gestão Educacional
- História da Educação, Políticas Educacionais e Estrutura e Funcionamento da Educação Básica
- Didática e Currículo
- Ensino de História e Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e Ciências
- Educação Popular e de Jovens e Adultos
- Estágios Supervisionados
- Nenhuma
- Outro: _____

9. Você acredita que exista ou conhece algum grupo de estudos/pesquisa ou atividade de extensão na FACED-UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação? *

Marcar apenas uma oval.

- Não acredito
- Acredito mas não conheço
- Conheço

10. Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que você gostaria que fosse abordado no curso? Se sim, como esse tema poderia ser abordado e em quais áreas/disciplinas? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

FORMULÁRIO PARA ESTUDANTES DO ÚLTIMO SEMESTRE

Levantamento sobre as questões de gênero e sexualidade na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED-UFC).

Você está sendo convidado/a por Orleans Alves Parente, estudante do curso de Pedagogia da FACED-UFC, sob a orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida, como participante de uma pesquisa sobre as questões de gênero e sexualidade na FACED-UFC. Você não deve participar contra sua vontade.

***Obrigatório**

1. Sobre a pesquisa em si, você está ciente que: os dados colhidos serão usados somente para fins didáticos e/ou de pesquisa – essa ou outras pesquisas futuras; os resultados desta pesquisa serão publicados e/ou apresentados em artigos, em revistas especializadas, em congressos científicos, contribuindo para o fortalecimento e ampliação de conhecimentos sobre as questões de gênero e sexualidade na formação de professores e não receberá nenhum pagamento e nem deve realizar nenhum pagamento para participar da pesquisa? *

Marque todas que se aplicam.

Sim

2. Ao selecionar a opção abaixo você concorda ser estudante do último semestre* de um dos cursos de Pedagogia da FACED-UFC (diurno ou vespertino-noturno) com matrícula ativa. *

*Por último semestre entende-se estudantes que estão no 8º semestre do curso; estudantes que estão a mais de 8 semestres no curso (9, 10, 11, 12...) mas que estão cursando o último semestre de conclusão e estudantes que estão a mais de 8 semestres no curso e que possuem apenas a monografia como pendência de conclusão.

Marque todas que se aplicam.

Concordo

3. Qual sua idade? (apenas números) *

4. Como você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Homem
 Mulher
 Pessoa não-binária
 Agênero
 Outro: _____

5. Qual o turno da sua matrícula? *

Marcar apenas uma oval.

- Diurno
 Vespertino-noturno

6. As questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas em alguma disciplina durante o curso? (pode marcar duas opções) *

Marque todas que se aplicam.

- Sim, em uma ou mais de uma disciplina obrigatória
 Sim, em uma ou mais de uma disciplina optativa
 Não

7. Como as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas durante as atividades de ensino, pesquisa e extensão durante o curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Inexistente
 Muito pouco
 Pouco
 Médio
 Muito
 Exageradamente

8. Em quais áreas do curso as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas? (pode marcar mais de uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- Fundamentos da Educação (psicologia, sociologia, filosofia e antropologia da educação)
- Educação Infantil
- Gestão Educacional
- História da Educação, Políticas Educacionais e Estrutura e Funcionamento da Educação Básica
- Didática e Currículo
- Ensino de História e Geografia, Matemática, Língua Portuguesa e Ciências
- Educação Popular e de Jovens e Adultos
- Estágios Supervisionados
- Nenhuma

Outro: _____

9. Você conhece ou já participou de algum grupo de estudos/pesquisa ou atividade de extensão na FACED-UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação? *

Marcar apenas uma oval.

- Conheço e participei
- Conheço mas não participei
- Não conheço

10. Existe algum tema específico dentro das questões de gênero e sexualidade na educação que foi abordado durante o curso? Se sim, como esse tema foi abordado e em quais áreas/disciplinas? Se não, em quais áreas/disciplinas o assunto poderia ter sido abordado e de que forma? *

APÊNDICE B – LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Turno de matrícula (primeiro semestre)

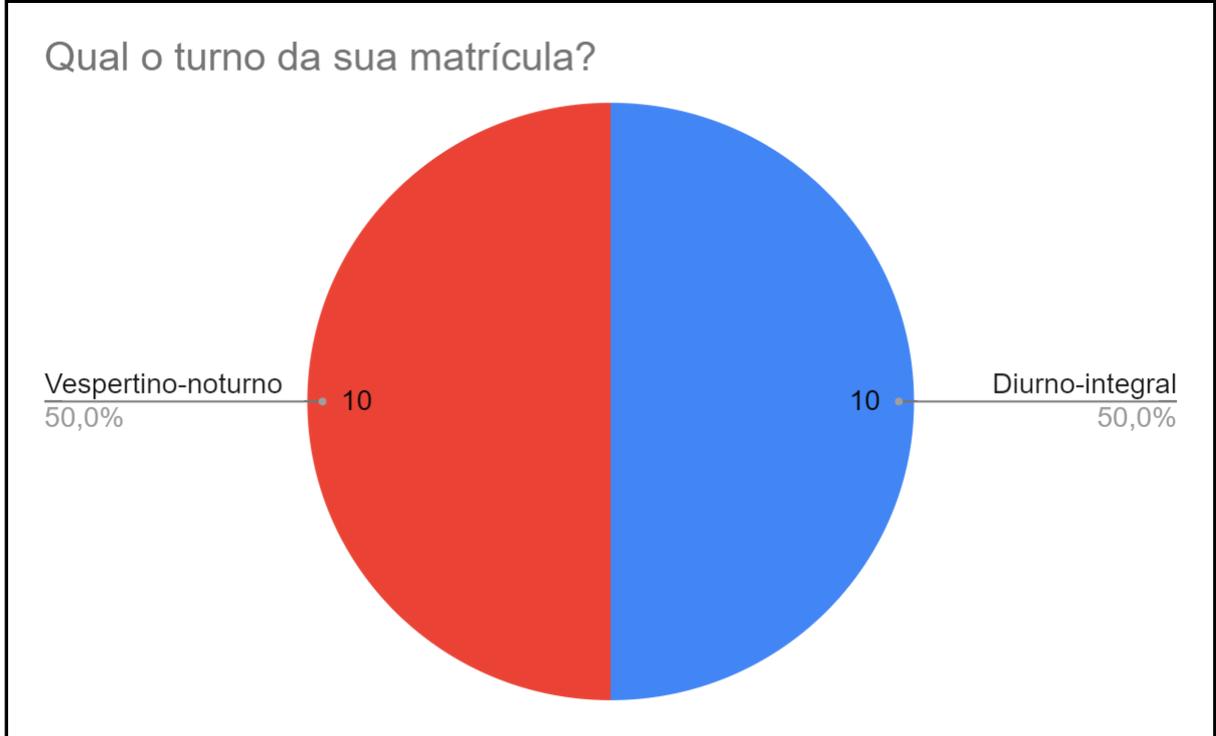


Gráfico 2 - Identificação de gênero (primeiro semestre)

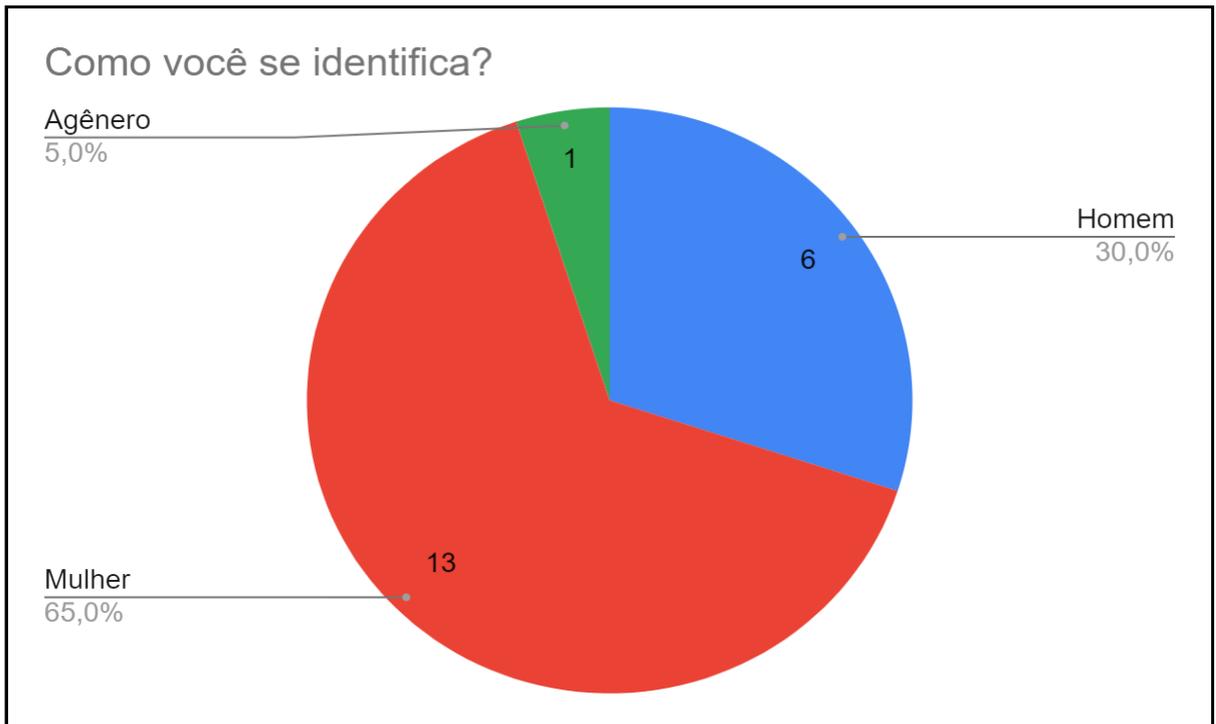


Gráfico 3 - Idades (primeiro semestre)

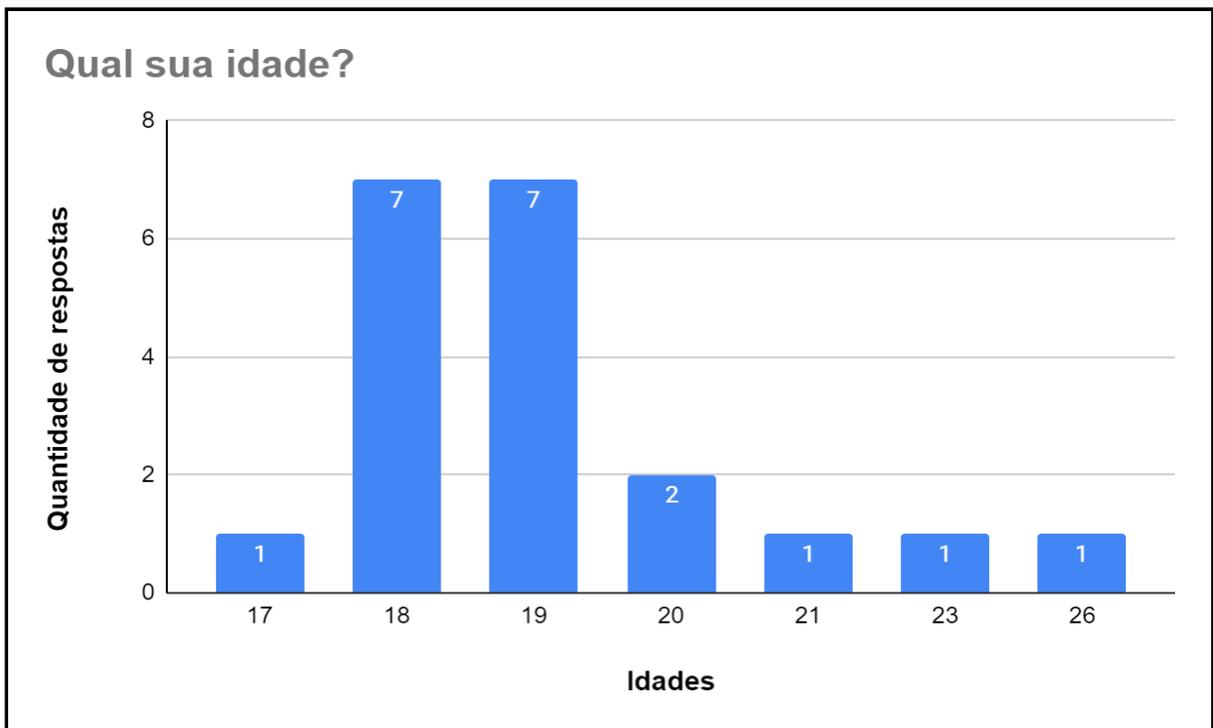


Gráfico 4 - Turno de matrícula (último semestre)

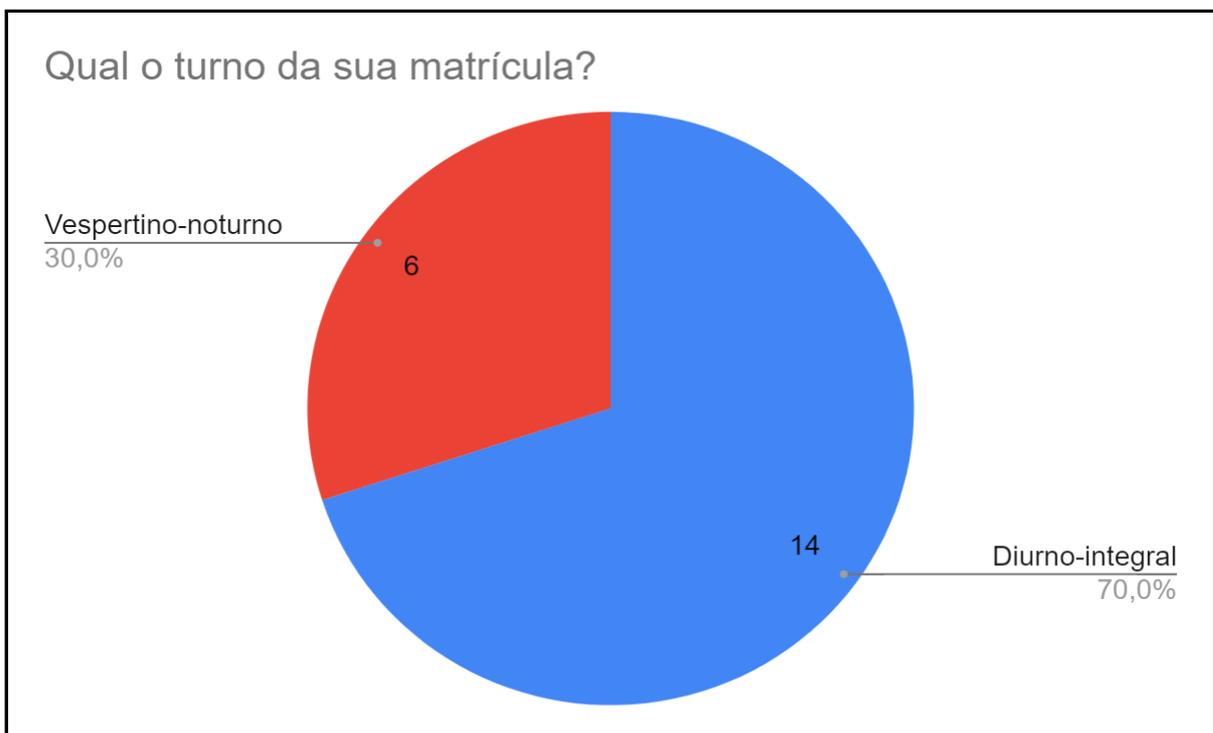


Gráfico 5 - Identificação de gênero (último semestre)

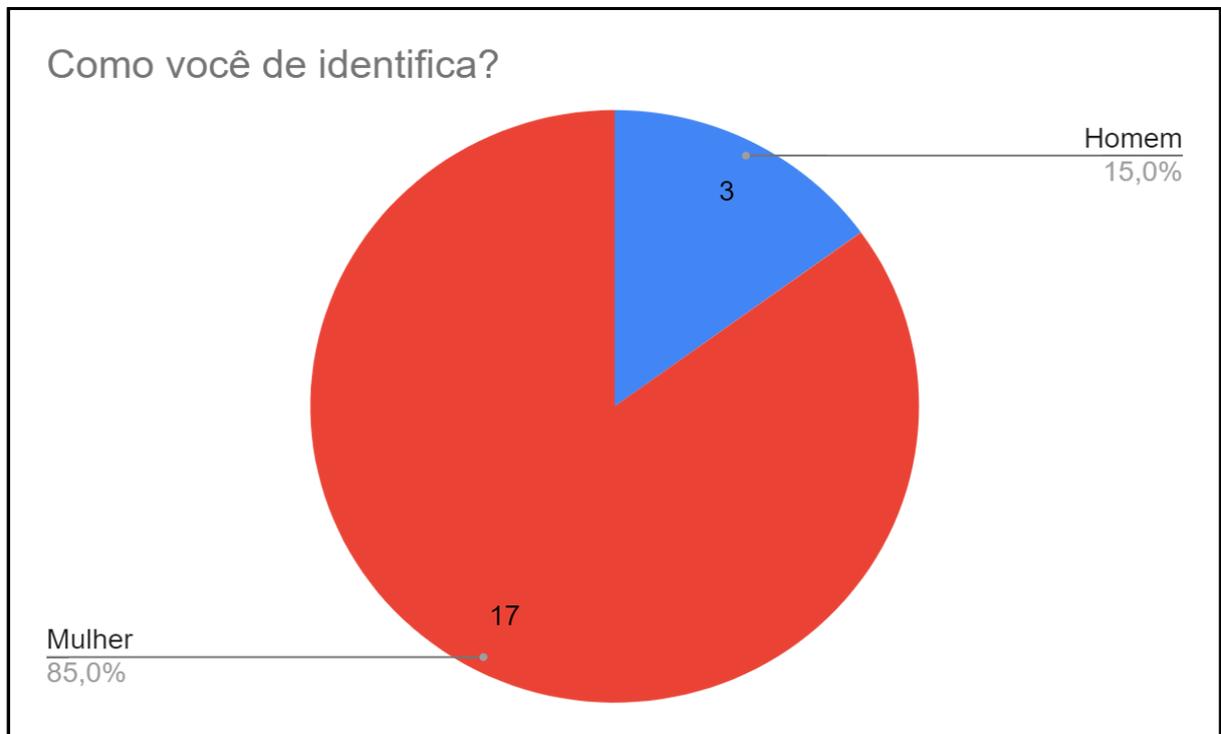


Gráfico 6 - Idades (último semestre)

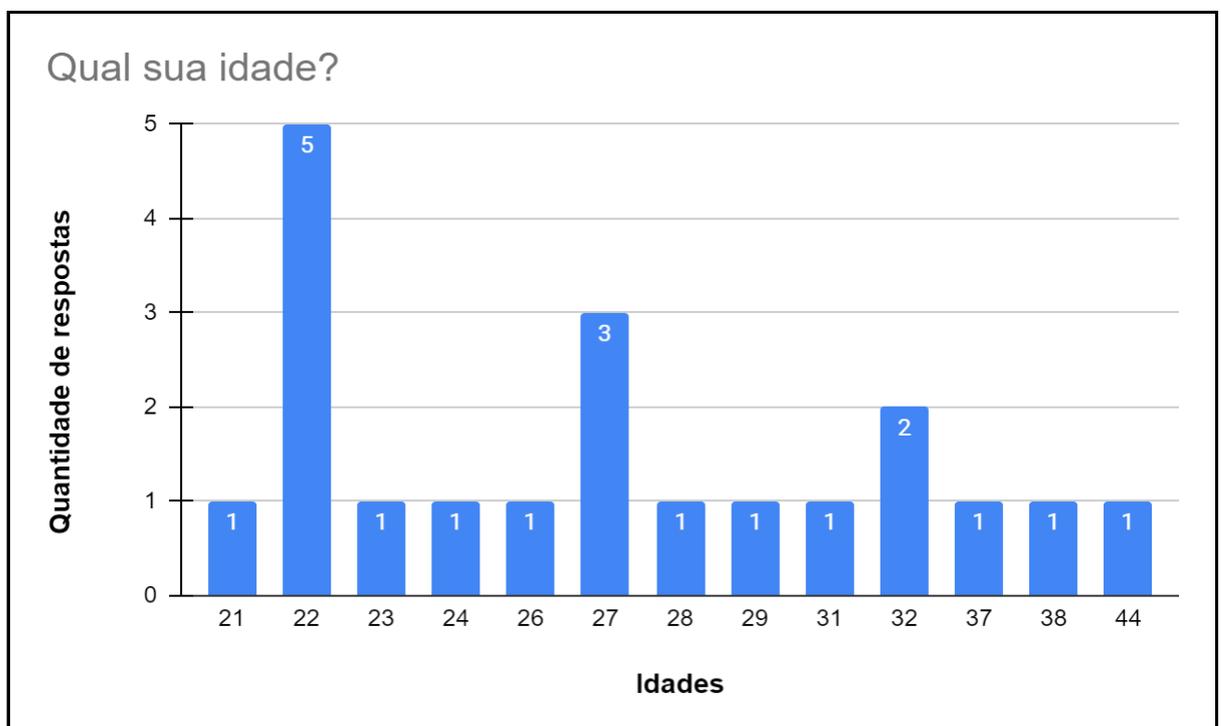


Gráfico 7 - Onde as questões de gênero e sexualidade podem ser abordadas

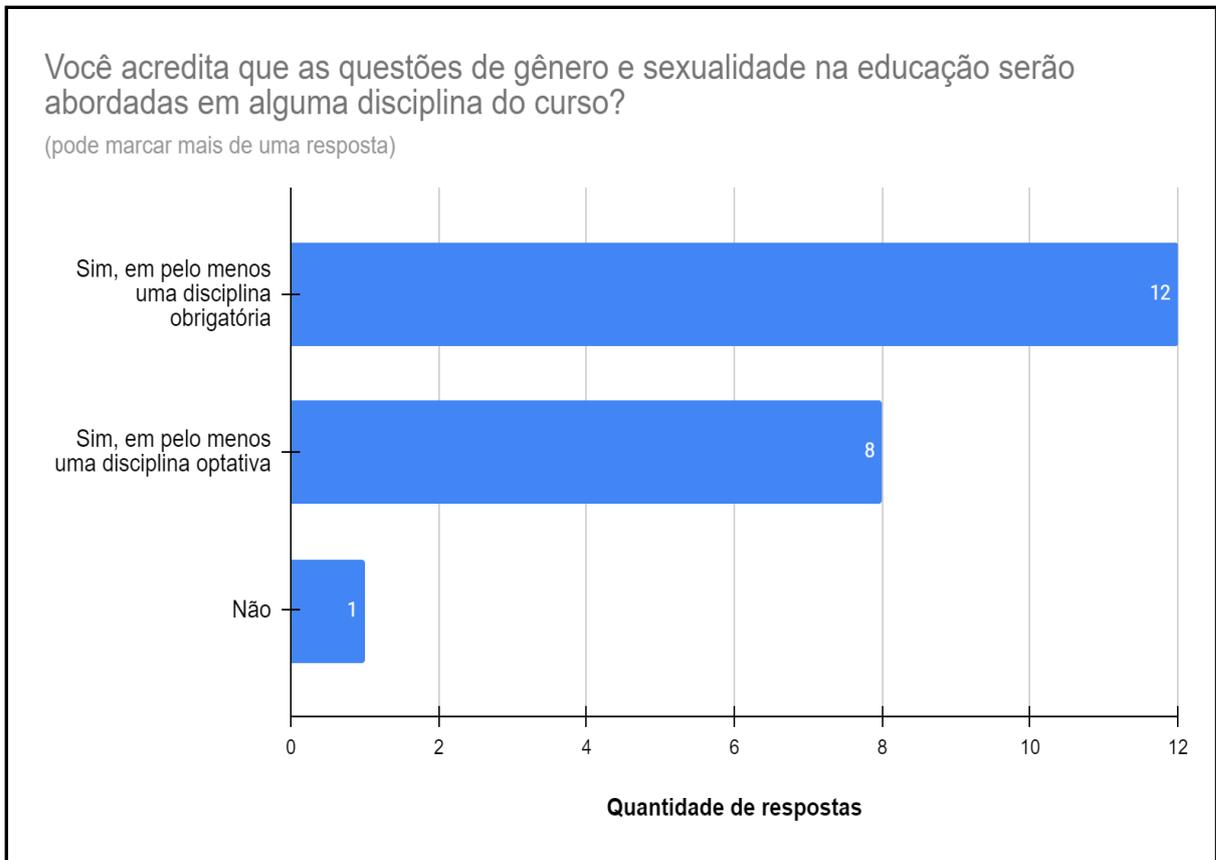


Gráfico 8 - Expectativa em relação ao trato das questões de gênero e sexualidade na educação no ensino, pesquisa e extensão do curso

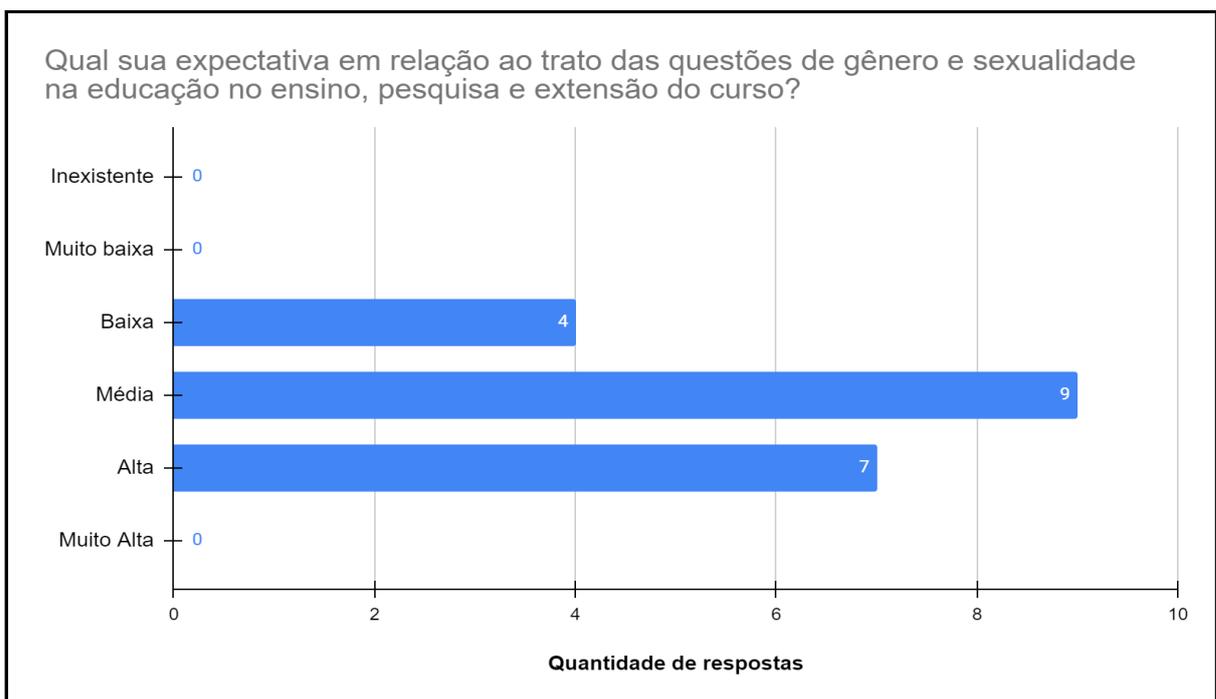


Gráfico 9 - Onde as questões de gênero e sexualidade foram abordadas

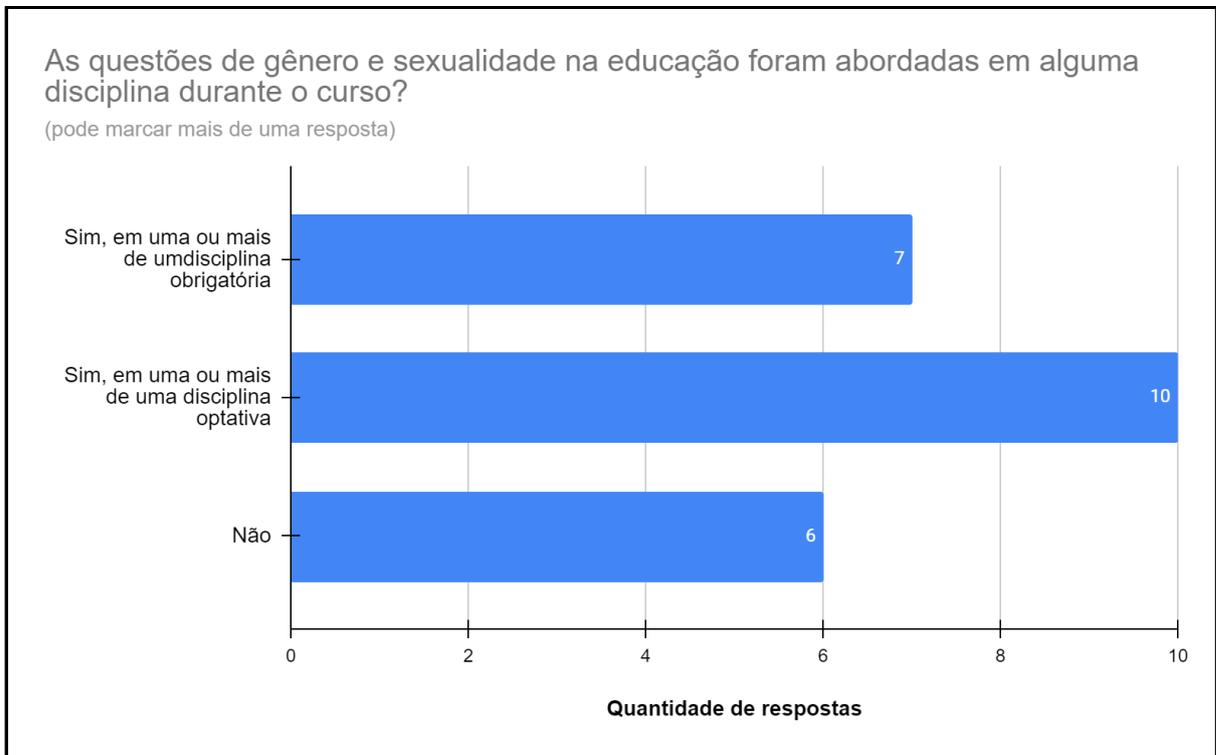


Gráfico 10 - Como as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas

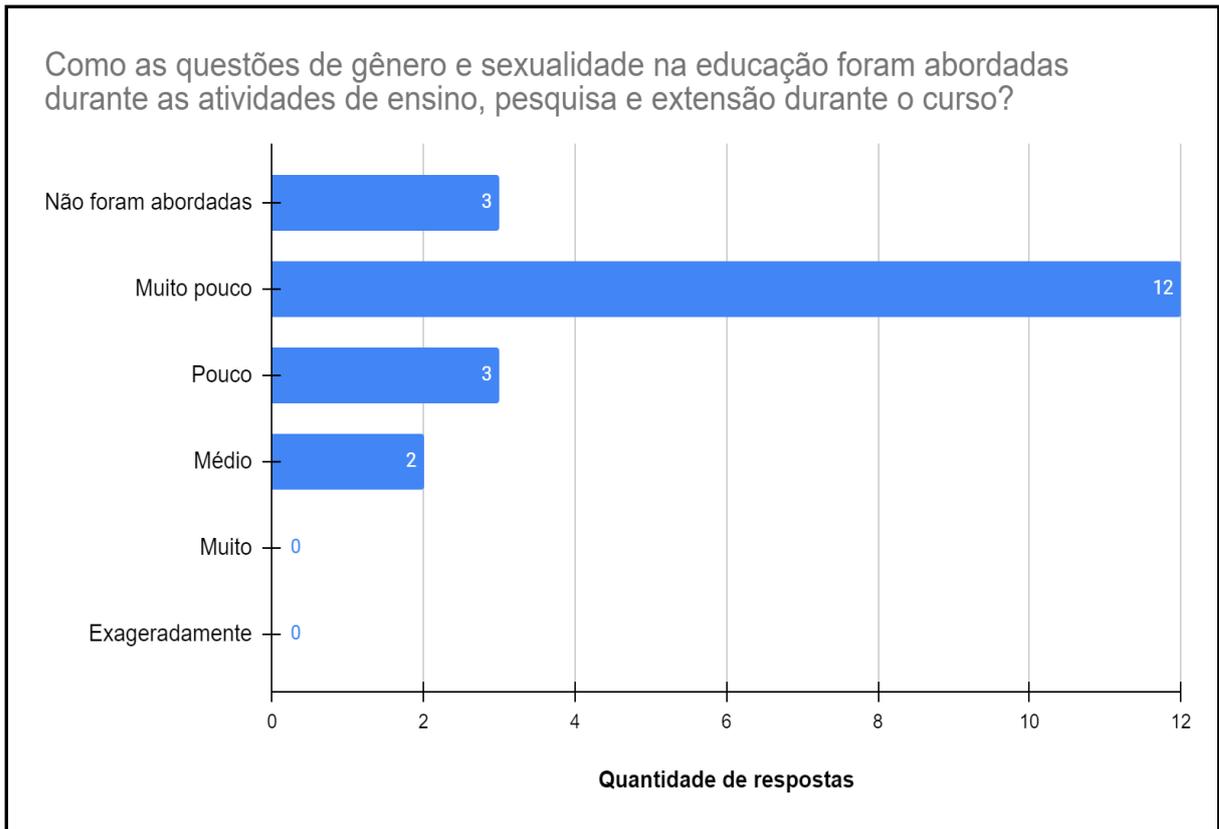


Gráfico 11 - Áreas do curso as questões de gênero e sexualidade na educação foram abordadas

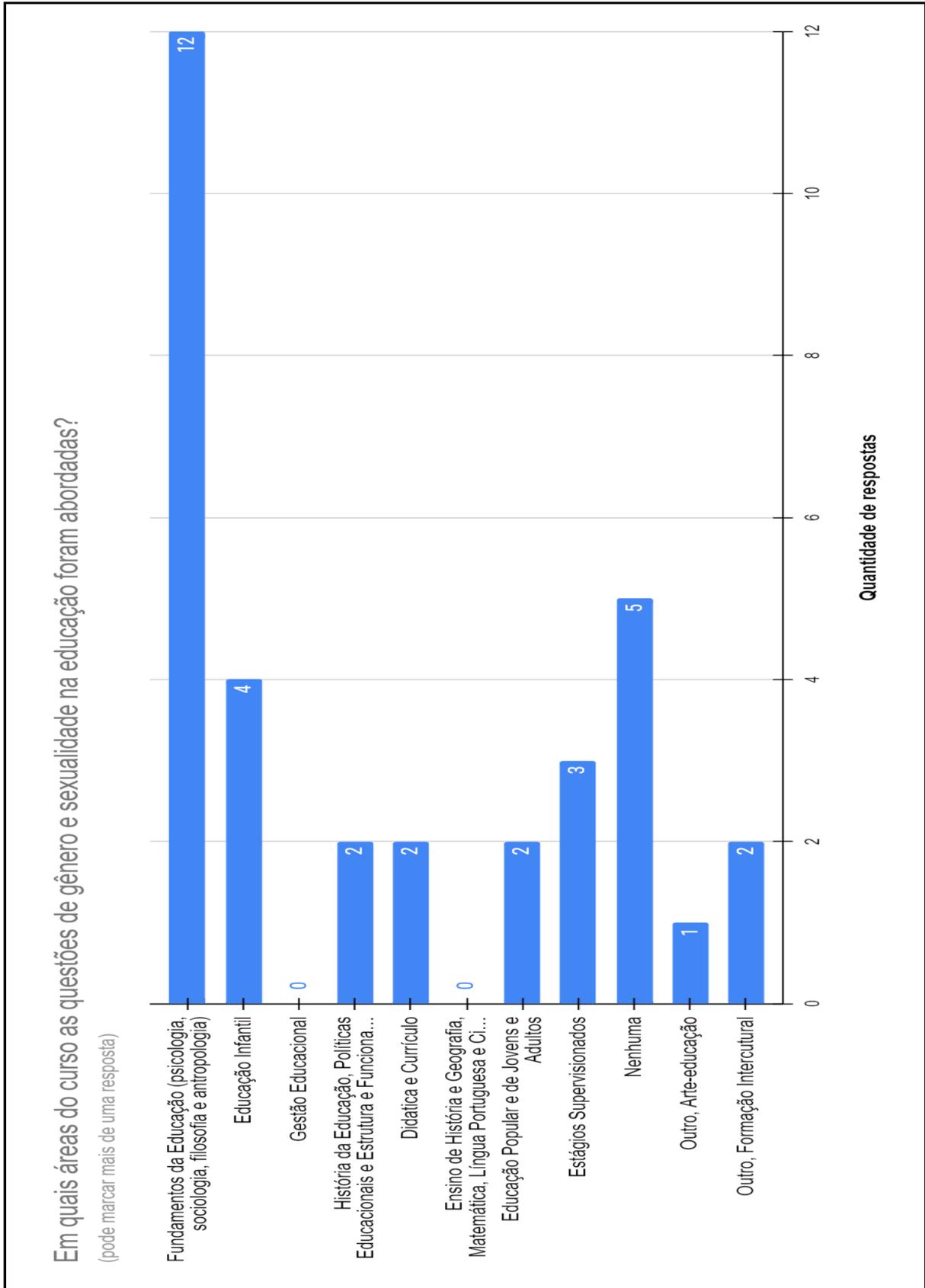


Gráfico 12 - Disciplinas em que as questões de gênero e sexualidade podem ser abordadas

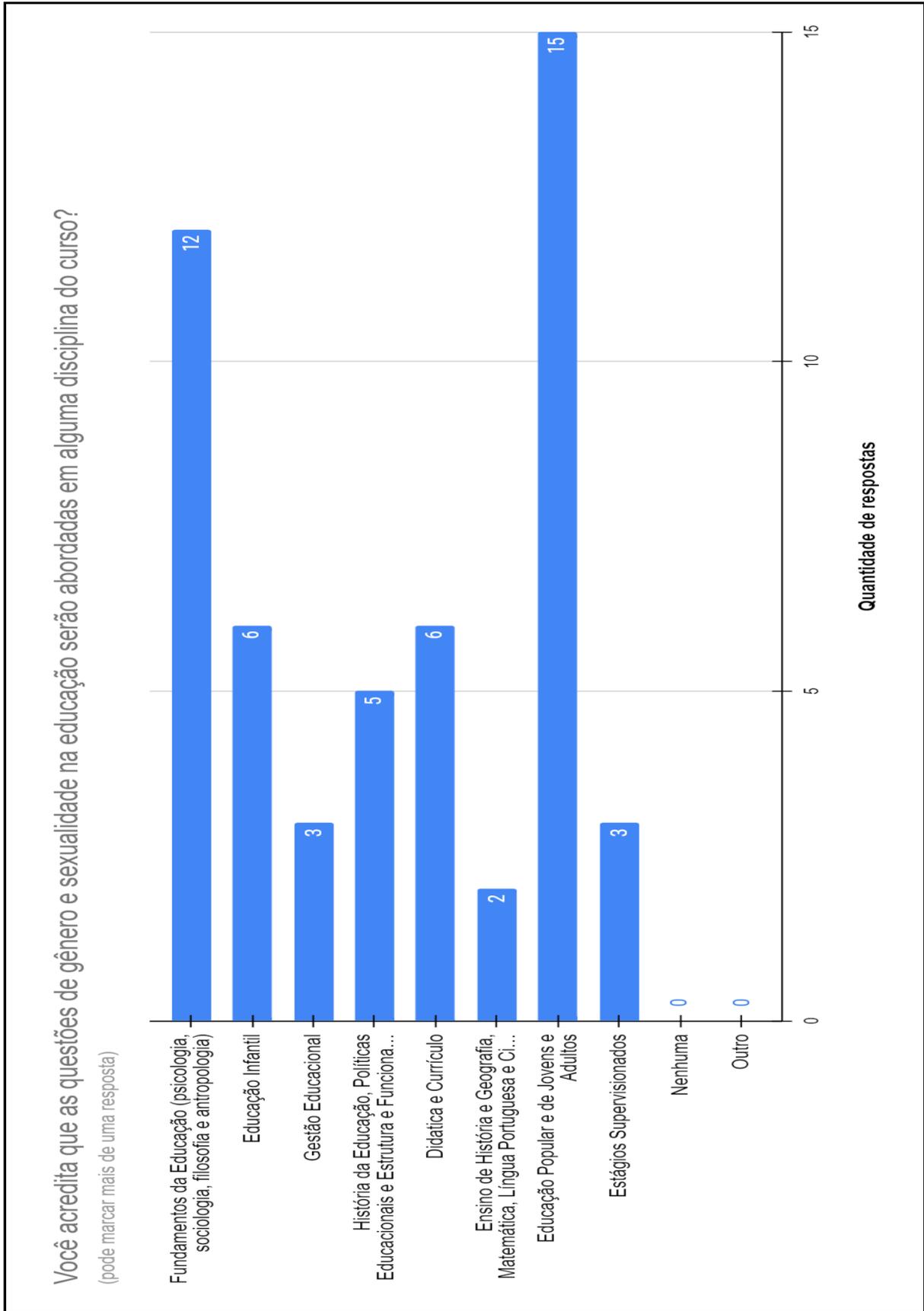


Gráfico 13 - Possibilidade de existência de grupo de estudos/pesquisa ou atividade de

extensão na FACED/UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação

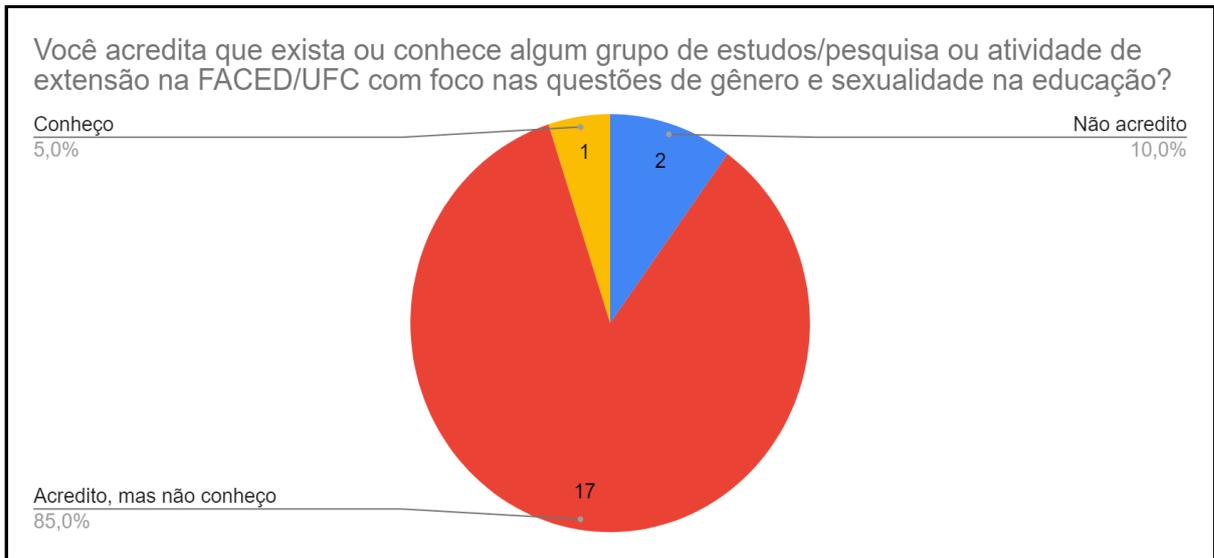


Gráfico 14 - Participação ou conhecimento de algum grupo de estudos/pesquisa ou atividade de extensão na FACED/UFC com foco nas questões de gênero e sexualidade na educação

